

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ILMD INSTITUTO LEÔNIDAS
& MARIA DEANE
Fiocruz Amazônia



FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
INSTITUTO LEÔNIDAS E MARIA DEANE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM CONDIÇÕES DE VIDA
E SITUAÇÕES DE SAÚDE NA AMAZÔNIA – PPGVIDA

DENISE RODRIGUES AMORIM DE ARAÚJO

AS REDES VIVAS NO TRABALHO DOS CATADORES E CATADORAS DE
RESÍDUOS SÓLIDOS NO MUNICÍPIO DE MANAUS/AM.

Manaus
2017

DENISE RODRIGUES AMORIM DE ARAÚJO

AS REDES VIVAS NO TRABALHO DOS CATADORES E CATADORAS DE RESÍDUOS SÓLIDOS NO MUNICÍPIO DE MANAUS/AM.

Dissertação apresentada à Banca de Qualificação pela Mestranda Denise Rodrigues Amorim de Araújo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública, no Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Condições de Vida e Situações de Saúde na Amazônia, da Fundação Oswaldo Cruz - Instituto Leônidas e Maria Deane – Fiocruz. Linha de Pesquisa: Processo saúde, doença e organização da atenção a populações Indígenas e outros grupos em situação de vulnerabilidade.

ORIENTADOR: Dr. Julio Cesar Schweickardt

Manaus
2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Seção Biblioteca Dr. Antônio Levino da Silva Neto - ILMD

A663r

Araújo, Denise Rodrigues Amorim de.

As Redes Vivas no trabalho dos catadores e catadoras de resíduos sólidos no município de Manaus/AM. / Denise Rodrigues Amorim de Araújo. - Manaus: Instituto Leônidas e Maria Deane, 2017.

102 f.

Dissertação (Mestrado em Condições de Vida e Situações de Saúde na Amazônia) – Instituto Leônidas e Maria Deane, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Cesar Schweickardt.

1. Redes sociais 2. Saúde coletiva 3. Catadores – Educação em saúde I. Título

CDU 316.344:628.4(811.3) (043.3)

CDD 305.56098113

22. ed.

As redes vivas no trabalho dos catadores e catadoras de resíduos sólidos no município de Manaus/AM.

Dissertação apresentada à Banca de Qualificação pela Mestranda Denise Rodrigues Amorim de Araújo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública, no Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Condições de Vida e Situações de Saúde na Amazônia, da Fundação Oswaldo Cruz - Instituto Leônidas e Maria Deane – Fiocruz.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alcindo Antônio Ferla
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Rodrigo Tobias de Sousa Lima
Instituto Leônidas e Maria Deane – Fiocruz Amazônia

Prof. Dr. Julio Cesar Schweickardt (orientador)
Instituto Leônidas e Maria Deane – Fiocruz Amazônia

Conceito: _____

Manaus, 30 de novembro de 2017.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos amores da minha vida, meus filhos Leonardo e Anna Beatriz Amorim de Araújo e ao meu companheiro de todas as horas, Amin Sávio Araújo, com afeto e gratidão.

AGRADECIMENTO

A **Deus**, presença generosa e magnificada em minha vida que orienta e dá significado a esta existência me agraciando com saúde, proteção e elevação de meu quociente de luz. Em Cristo, Jesus e Maria Santíssima minha alma se ilumina com sabedoria, amorosidade, paz e bem-aventuranças.

Ao meu orientador, Prof. Dr. **Julio Cesar Schweickardt**, pela inspiração, incentivo, apoio, e, sobretudo, pelo companheirismo e dedicada orientação que me guiaram na construção deste trabalho. Julio é exemplo de humildade, engajamento e competência. A você, minha gratidão e amizade.

Aos **catadores e catadoras** da Associação Nova Recicla participantes desta pesquisa, pela confiança, parceria e partilha de seus tempos e histórias de vida. Agradecimento especial a **Suelen Ramos**, exemplo de mulher forte que nos inspira a seguir acreditando nas possibilidades de uma sociedade mais justa e solidária.

A **todos os colegas** do Laboratório de História, Políticas Públicas e Saúde na Amazônia – **LAHPSA** que acompanharam e compartilharam de maneira fraterna da construção desta pesquisa.

Aos **professores** do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Condições de Vida e Situações de Saúde na Amazônia - **PPGVIDA**, da Fundação Oswaldo Cruz - Instituto Leônidas e Maria Deane – Fiocruz, em especial ao inesquecível Prof. Dr. **Antônio Levino Neto** (*in memoriam*).

Aos colaboradores do **ILMD** pela presteza e cordialidade – **Fernanda, Rosi Alves, Maquiné, Elen, Renata, Danilo e Ycaro**.

Aos **colegas da turma do PPGVIDA-2015** pelo companheirismo, alegria e união que nos fortaleceram nesta jornada de aprendizados. Nossa convivência foi maravilhosa e deixará saudades.

Aos membros da Banca, Professores (as) Doutores (as) **Alcindo Antônio Ferla, Rodrigo Tobias de Sousa Lima, Maria Inês Gasparetto Higuchi e Raquel Paiva Dias Scopel** por aceitarem o convite para contribuir com críticas e sugestões na defesa de minha dissertação.

Aos gestores da **Secretaria Municipal de Saúde de Manaus** pela liberação para participação no Curso do Mestrado.

A todos os **meus colegas de trabalho e amigos** que estiveram presentes me impulsionando nos momentos de cansaço pelas demandas de trabalho acumuladas com a jornada do mestrado neste período de dois anos.

A minha sobrinha **Thaís Araújo Moreira** pela alegre e dedicada colaboração na fase da produção de dados da pesquisa.

A minha sogra **Ancila Nunes Oliveira de Araújo** (*in memoriam*) pelo exemplo de determinação e força de vontade, por todo incentivo e orgulho que sempre demonstrou por esta nora-filha.

A meu pai, **Valter Amorim** (*in memoriam*), por todo carinho, apoio e incentivo ao estudo e a minha mãe, **Teresinha Amorim**, pela incansável dedicação e por partilhar cada conquista com alegria e orgulho.

As minhas irmãs **Deise** e **Danuza Amorim** pela amizade, força e torcida positiva.

Ao meu esposo, **Amin Sávio Oliveira de Araújo**, que sempre esteve ao meu lado, compartilhando pacientemente nosso tempo com meus livros, textos e estudos, por contribuir cuidando de nossa casa e filhos, grande parceiro e incentivador. Para você, meu amor e gratidão.

Conheci de perto várias experiências, em que os trabalhadores unidos em cooperativas e em outras formas de associação comunitária conseguiram criar trabalho onde só havia sobras da economia idólatra. (...) As cooperativas de catadores de papelão são exemplos desta economia popular que surge da exclusão e que pouco a pouco, com esforço e paciência, adota formas solidárias que a dignificam. E quão diferente é isto do fato de os descartados pelo mercado formal serem explorados como escravos!

Papa Francisco
no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares na Bolívia.

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de investigação as redes vivas no trabalho dos catadores e catadoras de resíduos sólidos ligados a uma Associação de Catadores (as), organizados em torno do Movimento Nacional dos Catadores de Resíduos Sólidos – MNCR. O estudo foi norteado pela questão de pesquisa: “Que redes vivas são construídas no trabalho por catadores e catadoras de resíduos sólidos, organizados em uma associação”? O desenvolvimento desta pesquisa, a partir do estabelecimento de vínculo com os catadores, permitiu acompanhar o cotidiano de trabalho e de vida, conhecer as motivações e desafios da organização política destes atores, mapear as redes vivas construídas a partir do cotidiano do trabalho, permitindo a análise da rede social de agenciamento e encontros. Caminhar neste território possibilitou discutir a identidade e trabalho na relação com a produção de redes vivas e os aprendizados desta vivência a partir dos olhares da Saúde Coletiva. O método utilizado foi a abordagem cartográfica que carrega a possibilidade de ampliar a visão sobre as produções de vida dos sujeitos e mapear a realidade. Este estudo pretende contribuir com a visibilidade e o empoderamento social e político destes trabalhadores. Pode ainda colaborar com o fortalecimento da organização política e o protagonismo dos catadores enquanto movimento social, na inclusão sócio produtiva, no estímulo à participação social bem como subsidiar atuais e futuras políticas públicas no campo da Saúde Coletiva.

Palavras-chave: Redes Sociais; Identidade; Trabalho e Saúde; Saúde Coletiva; Amazônia.

ABSTRACT

The investigation object of this dissertation are the alive nets in the work of the solid residues collectors linked to an Association of collectors, organized around the National Movement of Solid Residues Collectors- MNCR. The study was orientated by the research subject: "that alive nets are built in the work by solid residues collectors, organized in an association"? The development of this research, from the bond establishment with the solid residues collectors, allowed to accompany the daily work and life, to know the motivations and challenges of the political organization of these actors, to map the alive nets built from the daily work, allowing the analysis of the social net of agencying encounters. Walking in this territory made possible to discuss the identity and work in the relationship with the production of alive nets and the learnings of this existence from the looks of the Collective Health. The used method was the cartographic approach that carries the possibility to enlarge the vision about the productions of life of the subjects and to map the reality. This study intends to contribute with the visibility and with the social and political empowerment of these workers. It can still collaborate with the invigoration of the political organization and the protagonism of the solid residues collectors while a social movement, in the social productive inclusion, in the incentive to the social participation as well as to subsidize current and future public politics in the field of the Collective Health.

Key words: Social Networks; Identity; Work and Health; Collective Health; Amazônia.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABHIPEC	Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACR	Associação de Catadores de Resíduos
ALEAM	Assembleia Legislativa do Amazonas
AMAR	Cooperativa Solidária de Catadores de Materiais Recicláveis do Amazonas
ANCAT	Associação Nacional dos Carroceiros e Catadores de Materiais Recicláveis
ASCARMAN	Associação de Catadores de Recicláveis do Amazonas
BIPACEL	Benaion Indústria de Papel e Celulose
CAAMA	Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CMM	Câmara Municipal de Manaus
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
CRO	Comitê Regional Amazonas
CEMPRE	Compromisso Empresarial para a Reciclagem
CEREST	Centro de Referência Estadual em Saúde do Trabalhador
CIISC	Comitê Interministerial para a Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis.
COOPCAMARE	Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis do Estado do Amazonas
CRA	Comitê Regional Amazonas
EES	Empreendimento de Economia Solidária
ESA	Economia Solidária do Amazonas
ESF	Estratégia Saúde da Família
FCECON	Fundação Centro de Controle de Oncologia do Estado do Amazonas
FES	Fórum de Economia Solidária
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz

FLC	Fórum Lixo e Cidadania
FMT	Fundação de Medicina Tropical Doutor Heitor Vieira Dourado
HPS	Hospital e Pronto-Socorro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILMD	Instituto Leônidas e Maria Deane
INSEA	Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LAHPSA	Laboratório de História, Políticas Públicas e Saúde na Amazônia
MNCR	Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis
MNPR	Movimento Nacional da População de Rua
MPT	Ministério Público do Trabalho
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PNRS	Política Nacional de Resíduos Sólidos
PPGVIDA	Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Condições de Vida e Situações de Saúde na Amazônia
PROURBIS	Programa de Desenvolvimento Urbano e Inclusão Socioambiental de Manaus
SEJUSC	Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania
SEMA	Secretaria de Estado do Meio Ambiente
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SEMINF	Secretaria Municipal de Infraestrutura
SEMSA	Secretaria Municipal de Saúde
SEMTRAD	Secretaria Municipal do Trabalho, Emprego e Desenvolvimento
SEMULSP	Secretaria Municipal de Limpeza Urbana
SRTE	Superintendência Regional do Trabalho e Emprego
SETRAB	Secretaria de Estado do Trabalho
SUHAB	Secretaria de Estado de Habitação
SUS	Sistema Único de Saúde
SUSAM	Secretaria de Estado da Saúde
TCE	Tribunal de Contas do Estado
UBS	Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	OBJETIVOS	19
2.1	OBJETIVO GERAL	19
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
3	MATERIAIS E MÉTODOS	19
3.1	TIPO DE ESTUDO.....	19
3.2	SUJEITOS DA PESQUISA.....	19
3.3	CARTOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	20
3.4	TÉCNICAS DE PRODUÇÃO DE DADOS.....	22
3.5	PLANO DE ANÁLISE.....	23
3.6	RESULTADOS DA PESQUISA PARA OS CATADORES E CATADORAS	24
3.7	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	24
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
4.1	ARTIGO 1.....	26
4.2	ARTIGO 2.....	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
6	REFERÊNCIAS	84
7	ANEXOS	92
	Anexo A - Rede Institucional 1.....	92
	Anexo B - Rede Institucional 2	93
	Anexo C - Rede do MNCR.....	94
	Anexo D - Rede Comercial	95
	Anexo E - Rede de Catadores	96
	Anexo F - Rota da Kombi.....	97
	Anexo G - Rota do Triciclo	98
	Anexo H - Trajeto de J.O	99
	Anexo I - Trajeto de R.O.....	100
	Anexo J - Trajeto de A.N.....	101
	Anexo K - Trajeto de P.A.....	102

1. INTRODUÇÃO

Quem são estes (as) que perambulam nas ruas - faça chuva, faça sol - catando latas, papelão, embalagens plásticas e quaisquer outros objetos que carreguem algum valor, os restos desprezados por um exército sem número de consumidores ávidos pelo novo, pelo estético, pelo moderno e descartável? Que redes vivas estes sujeitos produzem na luta pela sobrevivência e reconhecimento social, enquanto agentes ambientais, diante da premência do esgotamento dos recursos planetários para a manutenção do meio ambiente e da vida? Que singularidades os catadores e catadoras de resíduos revelam no seu caminhar diário nas ruas da Zona Leste de Manaus e como a organização política em torno de uma Associação de Catadores (as) pode afetar suas identidades e processos de trabalho? O que esta atividade tem a dizer à saúde coletiva? Estas são algumas questões que nos instigaram a investigar as redes vivas no trabalho dos catadores e catadoras de resíduos sólidos.

A investigação junto aos catadores e catadoras de resíduos sólidos é resultado de fatores pessoais e profissionais. Se a fala existencial é carregada das experiências impressas no nosso ser, a partir do lugar que ocupamos no mundo, podemos afirmar que as inquietações que movem esta pesquisadora surgiram ainda na infância. Nas caminhadas dominicais à casa dos avós nas vielas estreitas, que dividiam os barracos de madeira à direita e à esquerda na subida da favela do Morro do Dendê, no Rio de Janeiro. Nos odores até hoje presentes na memória olfativa, na pobreza, no preconceito, na exclusão social e na luta por dignidade da família do nordestino Francisco, meu avô, que saiu do sertão para tentar a vida na cidade grande e de tantas outras famílias com as quais convivemos. Esta realidade e a consciência da necessidade de subverter esta lógica perversa - a das injustiças sociais - por meio da resistência e das ações da educação, movimentaram as minhas escolhas acadêmicas, profissionais e militância de vida.

Se, assim como Paulo Freire (1987), nossa luta é pela transformação deste mundo que nos desumaniza, se nosso desafio é a formação humana voltada para a transformação dos espaços de trabalho e sociais, se acreditamos nas construções

dialógicas, compartilhadas, horizontais, na emancipação dos sujeitos, precisamos ser agentes desta educação e da transformação que queremos ver no mundo.

O encontro com a Saúde Coletiva aconteceu em 2005, por meio de concurso público para a assessoria de comunicação da Secretaria Municipal de Saúde de Manaus (Semsa). O deslocamento depois de quatro anos para o setor de educação alimentou o desejo de “Ser Mais”, de compreender os processos que compõem e atravessam o cuidado, conhecer melhor a multiplicidade das vozes nos espaços intercessores da saúde e aprender diariamente a construir coletivamente com a Educação Permanente e a Educação Popular em Saúde.

Nesta militância no Sistema Único de Saúde (SUS), depois de alguns cursos de aperfeiçoamento e especializações *Latu Sensu*, surge a oportunidade do Mestrado Acadêmico na Linha de Pesquisa “Processo Saúde, Doença e Organização da Atenção a populações indígenas e outros grupos em situações de vulnerabilidade” do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Condições de Vida e Situações de Saúde na Amazônia – PPGVIDA, do Instituto Leônidas e Maria Deane – Fiocruz Amazônia. E, em seguida, o engajamento na equipe de pesquisadores do Laboratório de História, Políticas Públicas e Saúde na Amazônia (LAHPSA), que desenvolve pesquisas com grupos sociais, territórios e as redes vivas na Amazônia.

Assim, a partir do ingresso no LAHPSA, desenhou-se o Projeto de Pesquisa com o grupo social dos catadores e catadoras e suas redes vivas no trabalho que trouxe a possibilidade de acompanhar os catadores e catadoras na lida diária, na luta pela sobrevivência e reconhecimento social, na iniciativa de se fortalecerem a partir da organização política. Os encontros com estes sujeitos de pesquisa nos colocou na rede de agenciamentos da catadora Maria, liderança no Galpão da Associação Nova Recicla, que nos chamou à atenção para a força e engajamento das mulheres catadoras que, historicamente, lutam por sua inclusão sócio produtiva no mercado de trabalho.

Quando se fala em catadores (as) de resíduos sólidos, somos quase que imediatamente remetidos às ideias de lixo, reciclagem, programas de coleta seletiva, saneamento, meio ambiente, riscos biológicos, doenças, vulnerabilidade, condições de trabalho e perigos à saúde do trabalhador. A etapa de revisão da literatura nos

permitiu aprofundamento sobre estas temáticas que foram identificadas, analisadas e sistematizadas contribuindo tanto com o conhecimento, quanto com o embasamento desta pesquisa. Este levantamento nos revelou que muitos estudos foram e vem sendo realizados nestas perspectivas, com importantes contribuições para a saúde do trabalhador e do meio ambiente.

No entanto, buscamos investigar uma vertente pouco explorada, propulsora de novos olhares e análises sobre estes sujeitos, no campo da Saúde Coletiva. Neste caminho, o objeto de investigação deste trabalho foram as redes vivas no trabalho dos catadores e catadoras de resíduos sólidos da Associação de Catadores de Resíduos sólidos Nova Recicla, localizada na Cidade de Deus, Zona Leste de Manaus, organizados em torno do Movimento Nacional dos Catadores de Resíduos Sólidos (MNCR).

Interessam-nos identificar as redes sociais e políticas, agenciamentos e conexões construídas pelos (as) catadores (as) e a organização. Aqui utilizando a noção de “Rede Viva” como um modo de produção das conexões existenciais e micropolíticas, de indivíduos e coletivos, Assim, o elemento propulsor deste trabalho foi identificar como estas redes são construídas, tendo o coletivo de catadores como colaboradores na pesquisa, deixando que as suas falas - existencial e política - emergissem no contexto dialógico.

Ademais, o interesse pela noção de trabalho deste grupo social no cotidiano também embasou nosso estudo bem como a questão de gênero no espaço da catação, a construção das identidades na dimensão social e política do movimento social e outros sentidos que a pesquisa permitiu identificar, tais como: conflitos, modos de viver e perceber a realidade, avançando um pouco mais na compreensão de suas histórias, das suas produções de saúde e vida.

Os catadores e catadoras tem se inserido como um ator político através da organização social, recebendo apoio de diferentes instituições Não Governamentais e Governamentais. O movimento político tem colaborado com a mudança da identidade social desse grupo através de uma lógica de organização que trabalha o argumento da reciclagem, o que mobiliza outras áreas como a saúde, meio ambiente, modos de vida, sustentabilidade.

As reflexões de Pereira e Goes (2016) sobre o modelo econômico produtivista, a lógica do consumo a partir dos resíduos sólidos e dos impactos que estes têm sobre o meio ambiente e trabalho nos abriu caminho para o encontro com os catadores e catadores. Neste encontro, foram estes sujeitos que nos despertaram para o acúmulo de resíduos dos lixões, das ruas e para os impactos que o “lixo” produz nas expectativas de saúde e vida das pessoas e do planeta. Foram estes trabalhadores que nos revelaram as batalhas cotidianas, as estratégias de vida, as redes de solidariedade que se tecem na luta pela sobrevivência. Foram os (as) catadores (as) que permitiram o acompanhamento de seus percursos e o compartilhamento de suas existências facilitando a implicação da pesquisadora nos seus processos de vida. Foram estes sujeitos que nos deslocaram do nosso lugar do “fazer saúde” para pensar a partir de outro lugar, para fora e além dos muros dos serviços de saúde.

Eis aqui a grande contribuição da Pesquisa Social, qualitativa e da opção metodológica adotada, a Cartografia que é “inteiramente voltada para uma experimentação ancorada no real” (Deleuze e Guatarri, 1995, p. 21) e pressupõe a implicação na realidade dos sujeitos pesquisados. Como explicam Alvarez e Passos (2015), é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam.

A cartografia não permite que nos coloquemos de maneira hierarquizada diante dos sujeitos pesquisados porque não pesquisamos algo, alguma coisa, mas alguém. O objeto de trabalho do cartógrafo são as marcas que o contexto da pesquisa produz no seu próprio corpo e nas formas de interagir com as pessoas e objetos. Cartografar, portanto, exige engajamento, compor com o território existencial do outro. “Sabemos que o processo de composição de um território existencial requer um cultivo ou um processo construtivo. Tal processo coloca o cartógrafo numa posição de aprendiz, de um aprendiz-de-cartógrafo” (Alvarez e Passos, 2015, p. 135). Neste lugar, experimentamos a potência da cartografia de ampliar a visibilidade sobre as produções de vida porque parte do princípio do território visto pelo sujeito, mobilizando o deslocamento do próprio pesquisador. “O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos” (Kastrup, 2015, p. 60). Assim, fomos ao campo, não para uma simples produção de dados, deixando que o nosso corpo e mente pudessem se

conectar com as pessoas e as experiências observadas nos lugares, com a atenção aberta e flutuante para uma aproximação das dinâmicas e dos processos de trabalho dos (as) catadores (as), deixando que os vínculos e os afetos se apresentassem na relação.

A identidade se faz nas relações e na construção política dos sujeitos, sendo produzida socialmente e em pleno movimento. A relação intersubjetiva, produzida pela pesquisa, produziu mudanças na identidade em todos envolvidos, pesquisadora e sujeitos atuantes no contexto da pesquisa, em um processo de construção de um conhecimento eticamente e politicamente comprometido com as pessoas e com uma sociedade mais justa.

O marco teórico-conceitual deste estudo está voltado para os conceitos de redes vivas, identidade, trabalho na relação com a saúde, que são apresentados e discutidos em dois artigos que compõem os resultados e discussões deste trabalho. O primeiro artigo “As Redes Vivas na organização da Associação de Catadores de Resíduos Sólidos Nova Recicla, no Município de Manaus, Amazonas”, tem por objetivo analisar as redes sociopolíticas e conexões produzidas pelos catadores e catadoras de resíduos sólidos organizados em um empreendimento de Economia Solidária e compartilhar os aprendizados da vivência cartográfica exercitada com este grupo social a partir dos olhares da Saúde Coletiva. O segundo artigo intitulado: “Identidade e trabalho nas redes vivas dos (as) catadores (as) de resíduos sólidos no município de Manaus – Amazonas – Brasil”, tem o objetivo de discutir a identidade e o trabalho na relação com a produção de redes vivas e de saúde dos catadores e catadoras de resíduos sólidos no município de Manaus/AM,

Este estudo pretende, desde o seu princípio, contribuir com o fortalecimento da organização dos catadores e catadoras enquanto movimento social e com o protagonismo destes sujeitos por estimular a problematização e a reflexão-crítica destes sujeitos sobre o próprio processo de trabalho a partir de suas realidades. Também busca colaborar com o resgate da cidadania, a inclusão sócio produtiva, o estímulo à participação social, bem como, subsidiar atuais e futuras políticas públicas no campo da Saúde Coletiva.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as redes vivas produzidas pelos catadores e catadoras de resíduos sólidos e sua relação com o trabalho no município de Manaus.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as redes vivas no trabalho, construídas e utilizadas pelos catadores e catadoras.

- Descrever o processo de construção da identidade social e política dos catadores e catadoras como movimento social e sua relação com a saúde.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 TIPO DE ESTUDO

Tratou-se de uma Pesquisa Social, do tipo qualitativa. Minayo (2001) conceitua a pesquisa qualitativa como aquela que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Em reunião no galpão da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis Nova Recicla, localizada no bairro Cidade de Deus, no município de Manaus, Amazonas, apresentamos a proposta deste estudo ao coletivo de trabalhadores (as). Dos 20 catadores e catadoras associados (as), 10 aceitaram o convite e, de maneira compartilhada, nos ajudaram a realizar esta pesquisa.

3.3 CARTOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Esta proposta de estudo, compartilhado e participativo, se diferencia dos tradicionais modos de fazer pesquisa no campo das ciências humanas baseados no falar “de”, ou “sobre”. No “saber com” se aprende com os eventos na medida em que os acompanha e reconhece neles suas singularidades (ALVAREZ E PASSOS, 2015). Alvarez e Passos (2015) também explicam que a implicação do cartógrafo deve posicioná-lo sempre ao lado da experiência, evitando os perigos da posição, bastante comum nas pesquisas tradicionais, do falar sobre.

Segundo Kastrup, Passos e Escóssia (2015) pesquisar é uma forma de cuidado quando se entende que a prática da investigação não pode ser determinada só pelo interesse do pesquisador, devendo considerar também o protagonismo do objeto pesquisado. A investigação é, portanto, o cultivo de um território existencial no qual o pesquisador e o pesquisado se encontram, compartilham e aprendem juntos.

Para descrever a realidade deste grupo social, acompanhar as suas dimensões de trabalho e de vida usamos pressupostos epistemológicos da cartografia:

- a) A cartografia busca acompanhar o processo e não representar um objeto. Desse modo, “não há coleta de dados, mas desde o início, uma produção de dados da pesquisa” (Kastrup, 2010, p.33). O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional do método – não caminhar para alcançar metas prefixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas.
- b) O objetivo do observador é descrever um território e seus movimentos, seja ele conhecido ou desconhecido. De certo modo, construímos o território em observação.
- c) A cartografia, como ensina Passos & Barros (2015), pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos.
- d) “O método se aproxima da pesquisa etnográfica e utiliza da observação participante, como utilizados em antropologia. O observador participa das ações em um determinado território existencial” (BARROS & KASTRUP, 2015, p.56).

e) A cartografia busca compreender o intermediário, ou seja, compreender as relações e inter-relações que conformam as redes (PASSOS & BARROS, 2015). Para isso, os catadores (as) foram nossos parceiros em uma pesquisa compartilhada e participativa.

f) O objetivo do observador é descrever um território, seja ele conhecido ou desconhecido. A cartografia como um método de observação tem o seu foco no acompanhamento de processos. Assim, o cartografar significa estar junto e participar da vida e de tudo que acontece naquela comunidade, é operar na transversalização.

g) Operar na transversalidade é considerar que a realidade toda se comunica. “A cartografia é o acompanhamento do traçado desse plano ou das linhas que o compõe” (PASSOS & BARROS, 2015, p. 27).

h) A cartografia tem ainda o sentido da implicação dos sujeitos nos espaços sociais, que o descrevem não com as ferramentas da lógica geográfica, mas como lugar de vivência e da experiência de vida. Busca dar conhecimento as identidades de grupos sociais e “é um instrumento capaz de dar visibilidade as reivindicações dos agentes sociais” (FARIAS JUNIOR, 2010, p.91).

i) Conhecer, agir e habitar um território não são experiências distantes uma das outras. A análise da implicação deixa claro que todo pesquisador está sujeito ao afetamento do seu objeto de estudo, assim como, ele afeta o campo ao qual está interagindo na pesquisa (ALVAREZ & PASSOS, 2009).

j) A noção de “atenção flutuante” da psicanálise orienta o observador, isto é, durante o trabalho o observador fica aparentemente suspenso até que algum aspecto relevante da realidade aparece como significativo (KASTRUP, 2015).

k) A atitude do cartógrafo é pôr-se ao lado - como pista metodológica – esse é o *ethos* da pesquisa. “A lateralidade ou a prática da roda faz circular a experiência, incluindo tudo e a todos em um mesmo plano, embora com diferenças, traçando um em comum que é a comunicação” (PASSOS et al, 2009, p.141).

l) A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social, em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar: desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as

mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência... até os fantasmas, inconscientes e os quadros clínicos de indivíduos, grupos e massas, institucionalizados ou não (ROLNIK, 1986).

3.4 TÉCNICAS DE PRODUÇÃO DE DADOS

Selecionamos algumas técnicas de pesquisa antes de ir a campo, mas foi na fase de produção de dados que pudemos, na dinâmica das atividades, compreender as melhores ferramentas para a pesquisa. Desta forma, trabalhamos com observação participante, roda de conversa, entrevistas semiestruturadas com roteiro pré-definido, diário de campo e acompanhamos um catador nas ruas, no local da catação.

Observação Participante: O observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto (MINAYO, 2014). Assim, acompanhamos as atividades do grupo em reuniões e encontros formativos, a rotina no galpão e o caminhar de um catador nas ruas da Feira do Fuxico na constituição de seu território existencial e de sua realidade.

Roda de Conversa: Na roda de conversa, a experiência que deve ser valorizada é a observação grupal da própria realidade. Acontece por meio do diálogo, da horizontalidade, da participação e da ação crítico-reflexiva.

Entrevista semiestruturada: A entrevista semiestruturada obedece a um roteiro que é apropriado fisicamente e utilizado pelo pesquisador (MINAYO, 2014). As entrevistas foram realizadas com 6 catadores e 4 catadoras da Associação. Utilizamos a técnica da saturação para identificar o momento em que as entrevistas já produziram material suficiente para compreender o objetivo proposto pela pesquisa.

Diário de Campo: As observações anotadas se constituíram em material para se ter à mão “no sentido de que podem ser utilizados logo que necessários à ação” (Barros & Kastrup, 2010). Todos os encontros e as observações foram registrados num diário para acompanhar o processo da pesquisa e as mudanças operadas nesta pesquisadora.

3.5 PLANO DE ANÁLISE

Os procedimentos metodológicos não seguiram necessariamente a cronologia planejada no Projeto de Qualificação, já que as atividades foram discutidas e negociadas com o movimento e com os catadores de acordo com suas disponibilidades buscando o mínimo de impactos na produção do grupo. Do mesmo modo, que a cartografia não aconteceu num exato momento, mas esteve em todo o processo, desde a seleção do tema, convite, negociação e encontros.

Primeiro momento – Levantamento bibliográfico (estudo das referências teóricas sobre o tema) e análise documental. Aqui entram a caracterização desse grupo social, sua organização (nacional, regional e local), tipo de atividade e sua relação com as políticas públicas.

Segundo momento – Roda de conversa com o coletivo de lideranças de associações e cooperativas ligadas ao movimento nacional de catadores e catadoras para apresentação e discussão dos seguintes pontos: exposição do projeto de pesquisa, com ênfase para a metodologia (compartilhada e participativa); convite sobre as formas de participação e colaboração mútua dos catadores. Utilizamos como critérios de inclusão: ser catador, ter mais de 18 anos, ter mais de um ano na atividade vinculada à associação, vontade de participar e ter como local de atuação a área urbana de Manaus.

Terceiro momento – Realizamos uma roda de conversa com o coletivo de catadores e catadoras e apoiador técnico do movimento.

Quarto momento – Cartografia do Movimento e do trabalho dos catadores por meio de observação participante e entrevistas semiestruturadas, com roteiro pré-definido. O tempo de acompanhamento dos catadores foi definido juntamente com eles, mas também utilizamos a ideia da saturação das informações.

Quinto momento – A partir das entrevistas gravadas em áudio, respeitando os procedimentos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, fizemos a transcrição das narrativas e a análise.

A transcrição das narrativas e tratamento das informações foi realizada por meio da Análise de Discurso. O objetivo básico da Análise de Discurso, segundo Pêcheux (1988), é realizar a produção da significação de textos visando compreender o modo de funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção de seus sentidos.

As categorias/temas analisadores identificados foram os seguintes: Redes Vivas, Identidade, Território, Micropolítica do Trabalho, Trabalho e Saúde, que foram articulados com os autores referenciados.

3.6 RESULTADOS DA PESQUISA PARA OS CATADORES E CATADORAS

Os resultados da pesquisa serão apresentados em seminário aos participantes do estudo e pessoas com interesse no tema em discussão.

3.7 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa visto se tratar de trabalho com seres humanos, segundo a Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As discussões e resultados foram organizados em dois artigos:

Artigo 1

As Redes Vivas na organização da Associação de Catadores de Resíduos Sólidos Nova Recicla, no Município de Manaus, Amazonas.

Para submissão na revista Saúde em Redes – B4 em Saúde Coletiva

Artigo 2

Identidade e trabalho nas redes vivas dos (as) catadores (as) de resíduos sólidos no município de Manaus – Amazonas – Brasil.

Para submissão na Revista Interface – Comunicação, Saúde e Educação – B1 em Saúde Coletiva.

4.1 ARTIGO 1

As Redes Vivas na organização da Associação de Catadores de Resíduos Sólidos Nova Recicla, no Município de Manaus, Amazonas.

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as redes sociopolíticas e conexões produzidas pelos catadores e catadoras de resíduos sólidos organizados em um empreendimento de Economia Solidária e compartilhar os aprendizados desta vivência cartográfica exercitada com este grupo social a partir dos olhares da Saúde Coletiva. Para isso, acompanhamos as trajetórias destes sujeitos no território, suas tensões, lutas, conquistas e desafios nas produções de trabalho e de vida. Trata-se de uma Pesquisa Social e qualitativa. O método de investigação utilizado foi a Cartografia que permitiu um mergulho na realidade concreta da catação de resíduos sólidos urbanos e possibilitou a visão do território e a construção das redes a partir dos sujeitos de pesquisa. Este estudo pretende contribuir com a visibilidade e o empoderamento social e político destes trabalhadores. Pode ainda colaborar com o fortalecimento da organização política e o protagonismo dos catadores enquanto movimento social, na inclusão sócio produtiva, no estímulo à participação social bem como subsidiar atuais e futuras políticas públicas no campo da Saúde Coletiva.

Palavras-chave: Redes Sociais; Território; Identidade; Saúde Coletiva; Amazônia.

“Nos atando” nesta Rede Viva.

Com esta expressão regional, comumente utilizada no Norte do país iniciamos este texto. O “atar redes” faz parte do cotidiano de vida das populações no Amazonas. Fazemos uso deste lirismo, com a devida licença poética, para justificar a expressão de “nos atarmos”. Desta vez, não nos referimos às redes de descanso, as tradicionais de fio, tecidas em algodão ou materiais sintéticos ou as trançadas em cipó ou fibras naturais. Atamo-nos nas Redes Vivas dos catadores e catadoras de resíduos sólidos da Associação de Catadores Nova Recicla, localizada no bairro da Cidade de Deus, Zona Leste da Cidade de Manaus, organizados em torno do Movimento Nacional dos Catadores de Resíduos Sólidos (MNCR).

Neste texto apresentamos parte das discussões e resultados da Dissertação de Mestrado “As redes vivas no trabalho dos catadores e catadoras de resíduos sólidos no município de Manaus/AM”, produção inserida nos projetos do Laboratório de História, Políticas Públicas e Saúde na Amazônia – LAHPSA, do Instituto Leônidas e Maria Deane – Fiocruz Amazônia, que desenvolve pesquisas com grupos sociais, territórios e as redes vivas na Amazônia. Portanto, damos prosseguimento e buscamos contribuir com o trabalho de pesquisadores que vem produzindo conhecimento nesta área como Emerson Merhy, Laura Feuerwerker, Paula Cerqueira, Kathleen Cruz, Ricardo Burg Ceccim, Alcindo Antônio Ferla, Julio Cesar Schweickardt, Rodrigo Tobias de Sousa Lima, dentre outros pesquisadores ligados às linhas de pesquisa da Micropolítica do Trabalho, Políticas Públicas e do Cuidado em Saúde.

A partir do ingresso no LAHPSA, desenhou-se o Projeto de Pesquisa com o grupo social dos catadores e catadoras e suas redes vivas no trabalho que trouxe a possibilidade de acompanhar os catadores e catadoras na lida diária, na luta pela sobrevivência e reconhecimento social, na iniciativa de se fortalecerem a partir da organização política. Os encontros com estes sujeitos de pesquisa nos “atou” à rede de agenciamentos da catadora Maria, liderança no Galpão da Associação Nova Recicla, que nos despertou para a força e engajamento das mulheres catadoras que, historicamente, lutam pela inclusão sócio produtiva no mercado de trabalho.

Quando se fala em catadores (as) de resíduos sólidos, somos quase que imediatamente remetidos às ideias de lixo, reciclagem, programas de coleta seletiva,

saneamento, meio ambiente, riscos biológicos, doenças, vulnerabilidade, condições de trabalho e perigos à saúde do trabalhador. A etapa de revisão da literatura nos revelou que muitos estudos foram e vem sendo realizados nestas perspectivas, com importantes contribuições para a saúde do trabalhador e do meio ambiente.

No entanto, investigamos uma vertente pouco explorada, propulsora de novos olhares e análises sobre estes sujeitos, no campo da Saúde Coletiva. Neste caminho, o objeto de investigação deste trabalho foram as redes vivas no trabalho dos catadores e catadoras de resíduos sólidos da Associação de Catadores de Resíduos sólidos Nova Recicla. Interessam-nos identificar as redes sociais e políticas, agenciamentos e conexões construídas pelos (as) catadores (as) e a organização, deslocando o olhar que está “naturalmente” voltado para os riscos, a vulnerabilidade e as doenças decorrentes da sua condição social. Interessou-nos olhar para a produção das redes de vida e de significado, para as conexões existenciais dos sujeitos e os coletivos. Assim, o elemento propulsor deste trabalho foi compartilhar do cotidiano destes sujeitos interessados no trabalho vivo e em ato, identificando quais são e como estas redes são construídas, tendo o coletivo de catadores como colaboradores na pesquisa, deixando que as suas falas - existencial e política - emergissem no contexto dialógico.

As Redes Vivas dos catadores (as) revelam articulações com pessoas, grupos e instituições com objetivo de luta pela sobrevivência e, com elas surgem trajetórias e histórias de vida, tensões, conflitos, esperanças e possibilidades, construídas nas ruas, em espaços de vida e trabalho. Falamos de Redes Vivas, compreendendo que todos nós somos um elo de uma complexa rede de relações, uma rede que é viva e plural: redes familiares, de amigos, de trabalho, de vizinhos, da igreja, da saúde, do movimento do qual participamos. E é nesta rede viva e nestes territórios existenciais que a vida acontece.

O território é pleno de sentido e significado, tendo o corpo e os sentidos como mediador e ator. “O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos”.¹ Assim, fomos ao campo, participar e conhecer as dinâmicas e processos de trabalho dos (as) catadores (as) com a atenção aberta e flutuante, permitindo a vibração do corpo em todas as frequências possíveis, sensível ao plano dos vínculos e dos afetos. Neste movimento foi fundamental para a pesquisadora sair do lugar da saúde para pensar a partir de outro lugar, o do grupo social, desterritorializando-se. A abordagem

metodológica adotada foi a da cartografia que parte do princípio do território visto pelo sujeito e, por este motivo, carrega a possibilidade de ampliar a visibilidade sobre as produções de vida. O marco teórico-conceitual deste estudo está voltado para os conceitos de redes vivas, território, identidade e micropolítica do trabalho.

Cartografia: no trançado das redes de re-existência

O presente estudo faz parte de uma Pesquisa Social, do tipo qualitativa, com 10 trabalhadores (as) da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis Nova Recicla, localizada no bairro Cidade de Deus, Zona Leste do município de Manaus, Amazonas, ligados ao Movimento Nacional dos Catadores de Resíduos Sólidos (MNCR) que, de maneira compartilhada, nos ajudaram a realizar este estudo.

Os desafios da pesquisa se iniciaram a partir da tentativa de aproximação com estes trabalhadores e trabalhadoras, dificuldade claramente identificada no início do percurso do trabalho no campo. Ao apresentarmos o projeto de pesquisa no Comitê Regional Amazonas (CRO) para o coletivo de lideranças das associações e cooperativas ligadas ao movimento dos catadores, o grupo mostrou-se bastante desconfiado e com o receio de sentirem-se usados enquanto sujeitos da pesquisa: “Os pesquisadores vêm aqui, pesquisam a gente e depois nunca mais voltam. Nem para dar muito obrigado” (Liderança de uma das associações presentes no grupo). Ao esclarecer sobre o método da pesquisa, da implicação do grupo de pesquisa com os catadores e catadoras, a Associação Nova Recicla de Resíduos Sólidos aceitou colaborar abrindo suas portas, ou melhor, seu galpão, para o estudo.

Aproximamo-nos do campo de pesquisa com o estranhamento de quem descortina um mundo novo, com pistas identificadas na revisão bibliográfica sobre a temática. O desafio estava posto: conseguir permissão para compartilhar de alguns territórios existenciais que exigia o acompanhamento dos processos de trabalho e vida, construir vínculos, encontrar brechas, lançando-nos na experiência e deixando-nos envolver por ela, dentro da dinâmica e do tempo que era o “deles”. Trabalhamos as informações de acordo com o tempo destes (as) trabalhadores (as) que não era o mesmo tempo da pesquisadora. Eis aqui o primeiro aprendizado desta pesquisa.

Para os objetivos iniciais desse estudo precisávamos de uma caixa de ferramentas que nos permitisse abrir diálogo no cotidiano dos sujeitos da pesquisa, permitindo acompanhar o movimento nômade dos catadores e catadoras exigido pelo próprio exercício do trabalho nas ruas e no território. E como acompanhar processos do que é movente pela própria natureza? Que instrumental utilizar para a construção de vínculos, a aproximação ética, parceira e implicada com o coletivo? Que abordagem metodológica possibilitaria a visão do território a partir dos próprios (as) catadores (as) de modo a ampliar a observação das produções de suas redes e conexões, vida e trabalho? Abertos ao encontro e as implicações no movimento, utilizamos a Cartografia.

Ao contrário do que está posto na maioria dos manuais de metodologia, em que é pressuposto ter definido o que se pretende buscar, na Cartografia “a orientação do trabalho do pesquisador não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos”.² Assim, experimentamos, do ponto de vista metodológico, a reversão do método tradicional de fazer pesquisa, não mais caminhar para alcançar metas prefixadas, mas no caminhar, no percurso, traçar as metas a partir do plano da experiência. Desse modo, selecionamos algumas técnicas de registro e análise antes de ir a campo, mas foi na fase dos encontros produzidos entre os sujeitos (pesquisadora e pesquisados) que pudemos, na dinâmica das atividades, compreender as melhores ferramentas para a pesquisa, decisão acertada diante da premência pelo tempo de produção por parte dos (as) catadores (as). Desta forma, trabalhamos com a observação participante, roda de conversa, entrevistas com roteiro semiestruturado, acompanhamento do percurso de um catador e anotações em diário de campo.

Ao formular a cartografia os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guatarri³ transpuseram o conceito da geografia para os campos da filosofia, política e subjetividade como um modo de mapear a realidade, subjetividades e acompanhar processos. A cartografia permite o acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas.²

O geógrafo Hasbaert⁴ explica que a noção de território vem sendo apropriada por várias áreas de conhecimento ao longo da segunda metade do século XX, não se restringindo a um conceito da geografia, mas transitando pela economia, ciências sociais, antropologia, sociologia e psicologia. Assim, o conceito de território é polissêmico, sendo interpretado na

maior parte das vezes como sinônimo de espaço físico e, de fato, a vida acontece num determinado espaço geográfico. No entanto, o território tem tanto uma conotação física quanto simbólica. Utilizaremos neste estudo, além do conceito de território como espaço geográfico, físico, urbano, o conceito de território existencial e vivo.

Portanto, a noção de território de que tratamos agora valoriza os modos como os grupos sociais organizam e modelam o seu espaço, dando significado às suas práticas sociais e aos símbolos compartilhados pela coletividade.⁵ Ao trabalharmos com este conceito de território precisamos esclarecer a noção de territorialidade que está relacionada ao modo como as pessoas se apropriam, organizam, dão significado ao espaço em que vivem e incorpora as dimensões políticas, econômicas e culturais. Haesbaert⁶ explica que a territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado.

Rolnik⁷ propõe ainda que os territórios existenciais são o que existe dentro de cada um, sua forma de significar e interagir com o mundo. Portanto, estamos falando de territórios subjetivos, sociais, culturais, afetivos, políticos, estéticos, éticos e passíveis de outras dimensões. É nos seus territórios que estes sujeitos constroem a sua existência por meio de caminhos e malhas de uma rede que está relacionada com as conexões dos indivíduos e coletivos, em uma rede de encontros. Assim, realizamos uma cartografia no interior do processo de trabalho dos catadores e catadoras atentos aos modos de produção de vida deste pequeno grupo social organizado, em busca de suas redes rizomáticas, de seus modos próprios de tecê-las, nos surpreendendo e aos próprios sujeitos da pesquisa com a capilaridade desta rede viva, de apoio, de pessoas e instituições.

Nos aprendizados do agir cartográfico compreendemos que a pesquisa ganha forma em percurso através dos encontros que se produzem e se transformam em espaços intercessores, lugar de diálogos e escutas, de intensidades e afetações, de cruzamento de vidas e subjetividades. Em nosso encontro, ambos, pesquisadora e sujeitos da pesquisa foram afetados no movimento do encontrar-se. E, neste bom encontro, a produção do conhecimento se fez em processo e em ato.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) visto se tratar de trabalho com seres humanos, segundo a Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e obteve parecer consubstanciado do CEP número CAAE 63097716.1.0000.5016.

A Associação de Resíduos Sólidos Nova Recicla

A Associação de Catadores de Materiais Recicláveis Nova Recicla está localizada na Cidade de Deus, no município de Manaus, no Estado do Amazonas. Iniciou suas atividades no ano de 2014, com 19 associados e tem como objetivo promover a organização dos catadores de materiais recicláveis por meio de colaboração recíproca, do exercício profissional solidário, em regime de autogestão democrática, com a finalidade de melhorar as condições socioeconômicas e de trabalho dos associados para o desenvolvimento e consolidação da cadeia produtiva da reciclagem popular.

A Nova Recicla surge na luta de Maria,¹ catadora de papelões e de sua família que, a partir da utilização do espaço da própria casa, da exploração do trabalho pelos atravessadores e do despertar para a força da organização política, iniciou a tessitura de uma rede de apoio e encontros que resultou na formalização do empreendimento solidário e na aquisição gradativa de equipamentos e condições para o trabalho. Reúne catadores e catadoras que coletam resíduos diariamente nas ruas, no comércio varejista, residências e instituições construindo redes sociais e colaborativas.

A Nova Recicla faz parte dos dez empreendimentos de Economia Solidária que compõem o Comitê Regional Amazonas (CRA), representação regional do Movimento Nacional dos Catadores de Resíduos Sólidos (MNCR), criado em 2001, com o objetivo de promover a organização social e produtiva dos catadores e catadoras, valorizar o trabalho e garantir o protagonismo popular, orientados pelos princípios que norteiam a luta dos catadores e catadoras (autogestão, ação direta, independência e solidariedade de classe, democracia direta e apoio mútuo) (MNCR, 2016).⁸ Barros e Pinto⁹ consideram que as iniciativas de economia solidária não seriam apenas uma maneira de proteção contra o desemprego, mas também permitiriam uma nova significação da autoimagem dos catadores, melhorando a autoestima e resgatando significados do trabalho, o que foi confirmado pelas narrativas dos catadores e catadoras deste estudo.

¹ Os nomes dos catadores e catadoras foram mudados para não haver identificação dos participantes da pesquisa.

Apesar do conjunto de normas e Leis que tem contribuído com o reconhecimento dos (as) catadores (as), a exemplo da Lei Nacional de Saneamento (nº 11.405/2007)¹⁰ e a aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) em 2010 – Lei nº 12.305¹¹ e da prestação de um serviço fundamental para a preservação do meio ambiente e da saúde pública e propulsora da cadeia produtiva da reciclagem, catadores e catadoras seguem lutando pelo reconhecimento e inclusão social. Para Miura,¹² o problema hoje não está em reconhecer legalmente o catador como um profissional, mas sim, em reconhecer seu direito às condições dignas de trabalho e de vida para além da perspectiva estrita da sobrevivência. Nesta luta por reconhecimento, o pequeno grupo organizado de catadores (as) vem passo-a-passo, alguns mais a frente, outros ainda com dificuldades de compreender com clareza o processo da associação, exercitando a autonomia, o protagonismo, a constituição da identidade política por meio da gestão participativa e da construção de suas redes vivas.

Redes construídas em ato: de Maria à Associação

Para pensar sobre redes vivas, nos interessa refletir sobre as definições de rede. Castells¹³ em sua obra *Sociedade em Rede*, define o conceito de rede como “um conjunto de nós interconectados”, sendo nó o ponto no qual uma curva se entrecorta. Para o sociólogo, redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Como estruturas abertas são capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós.¹³ Este conceito de rede discutido por Castells¹³ é baseado em fluxos e tecnologias da informação, nas meta-redes do espaço cibernético, de um mundo globalizado, que quebrou barreiras de espaço e tempo.

Mance¹⁴ traz para a dimensão social o conceito de redes quando as descreve como uma articulação entre diversas unidades que, através de certas ligações, trocam elementos entre si, fortalecendo-se reciprocamente, e que podem se multiplicar em novas unidades, as quais, por sua vez, fortalecem todo o conjunto na medida em que são fortalecidas por ele, permitindo-lhe expandir-se em novas unidades ou manter-se em um equilíbrio sustentável. Cada nóculo da rede representa uma unidade e cada fio um canal por onde essas unidades se articulam através de diversos fluxos.

Seguindo os princípios da ideia de rede, a partir dos seus “nós” e “interconexões” partimos para o estudo e análise de outra categoria de redes. O conceito de Redes Vivas foi inspirado na ideia de Rizoma, emprestada da botânica, usada por Deleuze e Guatarri,³ na obra *Mil Platôs I*, um modelo descritivo ou epistemológico, na qual a estrutura de algumas plantas os brotos podem ramificar-se em qualquer ponto, que tanto pode funcionar como raiz, talo ou ramo, independentemente de sua localização na figura da planta.

Falamos aqui de um movimento em fluxo horizontal e circular ao mesmo tempo, ligando o múltiplo, heterogêneo em dimensão micropolítica de construção de um mapa, que está sempre aberto, permitindo diversas entradas e ao se romper em determinado ponto, se refaz encontrando novos fluxos que permitem seu crescimento, fazendo novas conexões no processo.¹⁵

A noção de redes vivas compreende que todos nós somos elo de uma complexa rede de relações, uma rede que é viva e plural, dinâmica e viva. Desta forma, nosso marcador de sentido são os encontros construídos nas redes vivas no cotidiano do trabalho, como observa Merhy et al,¹⁶ nas ruas, entre tantos territórios existenciais e de micropolítica, lugar onde as existências atuam e se produzem. Compreendendo que a vida produtiva se organiza por meio de relações, no emaranhado de “linhas e nós” que conformam o mapeamento da rede da associação Nova Recicla, descobrimos que o eixo principal de “territorialização” é a rede da liderança Maria. A prática cartográfica nos permitiu observar, mapear e experimentar os efeitos dos múltiplos encontros da rede viva de Maria e da associação que produziram muitas afetações e definiu os devires desta pesquisadora.

Realizamos um mapeamento^{II} das redes que não obedeceu a um desenho linear, hierárquico, temporal e a intenção foi dar expressão visual a rede e analisar, no espaço micropolítico do trabalho dos catadores, alguns dos muitos encontros da rede da associação. Ao desenharmos a rede da associação, nos deparamos com um significativo número de conexões no mundo social e diversos agenciamentos, produções de vida, nos levando a refletir sobre a capacidade daquele pequeno grupo de abrir linhas e fluxos. Na impossibilidade de descrever ou analisar detalhadamente todos os encontros, intersecções e nós que conformam esta rede, elegemos aqueles que consideramos relevantes para discutir e pensar à luz da Saúde Coletiva.

^{II} A representação gráfica das redes faz parte da estrutura da Dissertação que deu origem a este artigo.

A história da Nova Recicla corresponde à trajetória de luta de Maria e de sua família, construída por meio da multiplicidade de encontros que se dão no cotidiano de vida e trabalho. “O encontro é a base da filosofia de Spinoza para a teoria da afecção, que parte da formulação de que os corpos têm uma capacidade de se afetarem mutuamente no encontro entre si”.¹⁵ Encontro em que ambos os sujeitos são afetados no movimento do encontrar-se conectando distintos saberes e poderes, que transforma a maneira de agir no mundo. Compartilhar do cotidiano e nos conectar nesta rede nos permitiu conhecer e analisar os encontros e afetamentos da rede de relações de Maria e do grupo de catadores (as), tecidas com as linhas de um movimento de luta e político.

Maria e sua família começaram a trabalhar na catação de papelão nos arredores de casa, há oito anos, motivados por problemas financeiros. Usavam o quintal de casa para armazenamento.

Na época que nós começamos, a gente não entendia bem né, mas foi devido a dificuldade mesmo financeira que nós vínhamos passando, aí começamos a juntar papelão, na época nós tínhamos só uma Ipanema, ia eu e meu pai fazer a coleta na área do Fuxico, no Zumbi (Maria).

Maria se aproximou da rede da Cáritas Arquidiocesana de Manaus onde aconteceu o primeiro contato com a apoiadora técnica M.A, ligada à Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABHIPEC), responsável pelo Programa “Dê a Mão para o Futuro”, Reciclagem, Trabalho e Renda que tem como um de seus objetivos desenvolver ações destinadas a apoiar programas de geração de trabalho e renda e que promovam a inclusão social, a melhoria das condições de trabalho e qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis. A construção da rede de contatos e interconexões da organização destes (as) catadores (as) se inicia e se mantém em pleno movimento a partir da inserção da catadora Maria e da associação Nova Recicla na rede do MNCR. A partir da aproximação com o movimento organizado dos catadores, Maria despertou para a exploração da mão-de-obra e se apropriou dos meios legais para a inserção na cadeia produtiva da reciclagem.

Eu passava por três intermediários, depois que eu fui entender que eu poderia vender direto para empresa, mas pra mim vender direto para empresa eu tinha que ter um CNPJ. Tive que juntar o dinheiro para tirar, daí M.A nos ajudou escrevendo nossa Ata, o Estatuto e fundamos a Nova Recicla. Não tinha mais ninguém para enganar a gente e explorar (Maria).

Na tessitura de uma rede viva existem muitas conexões e linhas de sentido que se produzem a partir de encontros com pessoas que representam instituições que abrem brechas capazes de descortinar novas possibilidades. O encontro com a apoiadora técnica M.A e a ABHIPEC foi o disparador para o início do processo de transformação da realidade de trabalho de Maria e abertura de novas perspectivas por conectá-la a outros diversos pontos de rede que permitiram desde o conhecimento de novas alternativas de produção, processos formativos, acesso a projetos e editais até a ampliação da rede de apoio e solidariedade. Assim, a rede se ampliava com conexões com a Associação Nacional dos Carroceiros e Catadoras de Materiais Recicláveis (ANCAT), o Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável (INSEA), a Rede de Economistas Solidários do Amazonas (ESA), o Fórum Lixo e Cidadania e o Fórum de Economia Solidária.

Fundamental na trajetória de Maria o bom encontro com uma gestora do Ministério Público do Trabalho (MPT) que, sensibilizada com a iniquidade, a luta da família e fardos empilhados no quintal da casa da catadora, acionou sua rede de relações por meio da Prefeitura que viabilizou o atual galpão onde está sediada a associação. Do ponto de vista estrutural, de construção de redes, observamos que um ponto de rede de Maria - o MPT - abriu conexões com outra rede - a do executivo municipal, o que nos permite compreender a capilaridade e a potência de pensar, estabelecer e viver em rede. Falamos aqui do princípio da multiplicidade como explica Franco¹⁷ onde cada um pode fazer conexões em várias direções e com muitos outros sujeitos que estão também operando no interior desses fluxos, ou seja, a diversidade multiplica as possibilidades de outros fluxos-conectivos.

Ter um espaço para a sede da associação, ainda que sem garantias futuras de continuidade, foi um passo importante para a família catadora que, apoiados pelos projetos da ABHIPEC, instituição importante da rede de Maria, pouco a pouco viabilizou a aquisição de equipamentos como a prensa, balança, triciclo e um caminhão que é compartilhado com outras cooperativas ligadas ao MNCR.

O mapeamento da rede da Nova Recicla nos revela as articulações com diversos órgãos e instituições públicas que participam de forma direta ou indireta dos esforços de estruturação e autossuficiência do coletivo de catadores (as). Na rede institucional, parceiros importantes como a Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (CAAMA) da Assembleia Legislativa do Amazonas (ALEAM), que tem apoiado o movimento dos

catadores buscando apoio da Prefeitura e Estado para que a Política Nacional de Resíduos Sólidos seja efetivada e que a coleta seletiva nos órgãos públicos aconteça com benefícios diretos aos catadores e ao meio ambiente. Esta parceria entre a associação e o órgão legislativo estadual, traduzida pelas relações entre a liderança da associação, Maria e o Deputado responsável pela Comissão nos remete aos diálogos com os estudos de Emerson Mehry¹⁸ quando o autor afirma que as relações se dão nos espaços micropolíticos, em ato e nas circunstâncias específicas de cada encontro sem, em princípio, uma hierarquia na capacidade de estabelecer um bom contato. O que é possível que aconteça quando os encontros acontecem em uma construção interessada, implicada e, porque não dizer, afetiva.

Neste campo de análise, considerando que os espaços micropolíticos são atravessados por linhas, fluxos, subjetividades e, também, por disputa de poder, observamos tensões na rede de encontros institucional. O exercício cartográfico nos permite visibilizar nas relações o contraditório e o estranhamento nos meandros que atravessam os espaços de alguns encontros. Desta forma, o mesmo órgão público que apoia a associação, também tensiona as relações imprimindo morosidade ou entraves técnicos no desembaraço de documentações e deliberações do empreendimento solidário. No cabo de força entre o poder instituído e a representação feminina dos catadores (as), o coletivo da associação representa o lado mais frágil desta relação.

Nestes encontros com a divergência, jogo de interesses e relações de poder no processo de luta política evidencia-se o “saber militante” de Maria que não nasce nos bancos acadêmicos, mas da experimentação dos processos de sobrevivência e dos incômodos que a situação de exclusão social produz. Como afirma Feuerwerker¹⁹ a mobilização para conhecer vem de certos incômodos que a ação como protagonista pode gerar como acontecimento, mobilizando as várias dimensões do sujeito de modo que interajam para conduzir a um saber militante que lhe permite compreender “mais” sobre a situação e a ação, para continuar agindo.

A própria rede do movimento organizado também enfrenta os desafios na estruturação e organização do processo de trabalho. Os catadores trabalham territorializados, com forte vinculação ao lugar pela proximidade de suas moradias.

Hoje a tarde tentaremos resolver um conflito. Quando começamos a mapear a área do projeto, eu mapeei a área do Viver Melhor, do Vila Nova, que é próximo do galpão. Só que lá apareceu uns catadores que era de outra Associação e que trabalhavam com a colega e abri mão daquela área. Sendo que aquela área do Big Amigão pra cá é a área que os meninos fazem coletas, então eles estão entrando nessa área, Já deu conflito semana passada do catador R.O com eles. O R.O tirou todo papelão do carro, se o cara tá armado e o RO armado dá uma briga, um conflito. Querendo ou não é produção do nosso catador. Já conversei com a colega, hoje a tarde vamos reforçar de novo e voltar lá, Temos nossos apoios, nossos princípios então temos que cumprir. Você conversa com seu catador para mudar de área, precisa ter todo esse cuidado (Liderança MARIA).

As narrativas sobre os conflitos deixam claro a importância da delimitação de espaço, pois há um sentimento de pertencimento do catador àquele lugar de trabalho e sobrevivência. A liderança da Associação considera que os conflitos acontecem quando os (as) catadores (as) não tem conhecimento dos acordos e limites pactuados entre o coletivo de cooperativas/associações e os órgãos que regulam a atividade na Prefeitura.

Ao nos depararmos com os relatos de conflitos tomamos de empréstimo as reflexões de Bauman²⁰ quando questiona como viver juntos com um mínimo de rivalidade e conflito, enquanto mantém inabalada a liberdade de escolha e autoafirmação? Como alcançar a unidade na (apesar da?) diferença e como preservar a diferença na (apesar da?) unidade.¹⁹ Desafiador o fortalecimento do sentido de unidade entre as organizações políticas ligadas ao mesmo Movimento quando os sujeitos que as compõe no cotidiano dos processos de trabalho desconhecem ou não reconhecem os limites estabelecidos pelos acordos e mapeamento das áreas. Talvez a questão posta extrapole o desconhecimento ou não reconhecimento de limites e acordos no território geográfico. Os processos de trabalho dos catadores, imersos em uma realidade tão adversa, de luta pela sobrevivência, trazem embutidos em si, dimensões subjetivas, capazes de tensionar suas redes vivas - sociais, econômicas e políticas.

Nesta realidade, onde o tempo de parar compromete a produção e o movimento nômade destes sujeitos torna-se um desafio para a criação de vínculos, também observamos as fragilidades nas conexões e agenciamentos dos catadores e catadoras com a rede formal de saúde. As narrativas dos catadores (as) surgiram questionando a dificuldade de atendimento, de acesso, de acolhimento e os processos de trabalho das equipes da Atenção Básica. Diante das dificuldades relatadas e na busca da produção de cuidado, procuram o hospital quando os primeiros recursos utilizados aos sinais de adoecimento: os chás, xaropes

e remédios caseiros utilizados nas tradições familiares, no interior do Amazonas, não conseguem dar conta dos processos de doenças.

Na dinâmica da rede em movimento, outros atores a compõem e dão sentido ao processo de trabalho e existência da associação. Atores de diferentes faixas etárias, pertencentes ao território geográfico da associação, com dificuldades de inserção social e econômica, excluídos do mercado de trabalho formal. Inicialmente, ligados à rede de vizinhança e amigos de Maria, alguns catadores (as) permitiram que pudéssemos partilhar de seus territórios existenciais que surgiram carregados por subjetividades, histórias e trajetórias de vida. Utilizamos a referência de subjetivação de Guatarri²¹ quando explica que se trata do conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autorreferencial e em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva.

Na atividade de grupo demos voz a todos os (as) catadores (as) que contribuíram com narrativas sobre suas histórias, processos de vida e trabalho. Dentre algumas narrativas, destacamos a da artesã e catadora Regina, que se conectou a rede da associação através do trabalho com o artesanato a partir do reaproveitamento de materiais para reciclagem. Na associação, também ocupa o cargo de secretária executiva e está ligada a rede de economia solidária representando a Nova Recicla em eventos e mostras.

Sou a vice de Maria aqui, no artesanato somos eu, A.U e A.L, somos três artesãs e trabalhamos juntas. Eu que vou para as feiras, essas coisas, organizo tudo. Quando Maria precisa de algo, tem um evento em tal canto, como teve nas Olimpíadas, eu passei de seis a oito dias dentro da Arena e nós trabalhamos como catadoras lá mesmo. Também damos oficinas, estamos com um projeto de produção de sabão a partir do óleo de cozinha. Tem uma campanha lá na Assembleia Legislativa. Eu passei uma semana lá daí fomos dar oficina pra comunidade, para as mulheres que querem aumentar a sua renda. (Artesã e catadora Regina).

Produtos simples como bonés feitos com caixas de leite, portas-moedas com caixinhas de achocolatado e outros objetos como garrafas *pet* trazem embutidos em si outras significações que vão além da mais valia do próprio produto, a qualidade, estética, acabamento ou utilidade.

Utilizamos uma mesa forrada com estopa com o nome da associação. Quando nós vamos a feira não vai a R.O, vai a Nova Recicla. Já ganhamos certificados pela Nova Recicla, vamos representando a Associação. Tem várias feiras que a Prefeitura promove, aí eles me ligam quando tem feira, vou em reuniões e vou as feiras, tem no Distrito Industrial, na Honda, no Centro Social Urbano do Parque Dez e os eventos que eles nos encaixam lá também (Artesã e catadora Regina).

Nos produtos das artesãs da Nova Recicla estão embutidos valores sociais como a solidariedade e a preservação do meio ambiente, portanto, carregam um valor agregado que é sócio-político. A participação nas mostras e eventos reforça a importância social e econômica da atividade dos (as) catadores (as).

Como explica Bertussi et al,²² investigar o cotidiano é colocar em análise uma realidade em construção, móvel, sem começo, meio e fim, com várias entradas, tratá-lo como um campo de problematização, proporcionando novas possibilidades de apreensão e de produção do real. Foi neste sentido, buscando partilhar da realidade de “Seu João”, catador associado, 66 anos, nascido no interior do Estado do Amazonas, no município de Maués, que o acompanhamos pelas ruas da Feira do Fuxico, local de intenso movimento comercial para observar o processo de trabalho, sua dinâmica e intensidades.

Como parte do agir cartográfico, nos colocamos junto de Seu João na estreita calçada que dividia as duas pistas, de ida e de volta dos carros, caminhamos pelas ruas, conhecemos o local em que guarda a sua “produção”, em uma calçada ao lado de um poluído igarapé. Seu João nos apresentou o seu carrinho que ele mesmo mandou fazer, explicou o funcionamento do seu processo de trabalho, os encontros que se dão na sua rede de relações, as motivações, o valor da “palavra de um homem” e as estratégias de sobrevivência, ancoradas principalmente na honestidade, força de trabalho e “nas piadas e brincadeiras” que utiliza para a construção de suas relações. A liberdade de fazer seu horário, de não ter patrão e a possibilidade do ganho imediato, são as motivações que ativam o desejo do catador. Desejo aqui entendido como explica Franco¹⁷ como energia originária do inconsciente com alta potência produtiva, que coloca os sujeitos aptos para a construção do novo. Não só Seu João, mas outros catadores evidenciaram a importância da liberdade na atividade da catação o que nos leva a pensar na normatização do mundo do trabalho e o quanto a adaptação a regras ou normas exigidas pelo mercado formal podem impactar no desejo de agir de alguns sujeitos.

Seu João, de maneira colaborativa, em meio ao barulho, frenesi e atento às movimentações dos comerciantes e caminhões em processo de carga e descarga compartilhou um pouco de sua história de vida e nos permitiu compreender as motivações, os sentidos, processos de trabalho e de vida segundo sua própria lógica de “ser” e “estar” no mundo. Suas falas nos remetem mais uma vez as ideias de Franco¹⁷ quando explica que o sujeito acessa diferentes campos semióticos, quando organiza sua ação no mundo e, dependendo das representações simbólicas acessadas por ele, assume diferentes atitudes. É como se essas representações organizassem no sujeito trabalhador um modo específico de ver o mundo e nele atuar. Aqui cabe pensar sobre singularidade. Somos sujeitos singulares, com olhares e campos simbólicos e representações diferentes.

Acompanhar o trajeto de Seu João, nos permitiu acessar e descortinar uma nova realidade a partir de suas próprias formas de representar o mundo. Na realidade que se descortinava, debaixo do forte sol, na desordem daquelas ruas em movimento, no encontro com o catador João, a pesquisadora também se desterritorializava e novos sentidos iam sendo construídos no acompanhamento da trajetória de Maria, Seu João e do grupo organizado.

O exercício cartográfico nos levou ao desafio de acompanhar os múltiplos encontros diante da capilaridade e complexidade da construção da rede da associação de catadores (as) a partir da trajetória de Maria e de outros atores que tem seus processos de vida conectados à catação de resíduos. Como afirma Mehry,²³ os modos como os sujeitos se encontram e se validam são muitos, as implicações em ato, consigo e com outros, também.

As tessituras do mundo social: os aprendizados para o fazer saúde.

Desenhar e analisar as redes dos catadores e catadoras nos permitiu reflexões a partir do lugar que ocupamos, o da Saúde Coletiva. A pergunta que dispara esta conclusão do artigo é simples e direta: Que aprendizados esse grupo social nos deixou? O que teriam a nos ensinar? Partimos do entendimento de que compartilhar das existências e dos modos de viver dos (as) catadores (as) foi fonte rica de aprendizados e reflexões-críticas sobre os processos de organização social, a dinâmica das relações e o processo de construção da autonomia.

Seguramente, o primeiro aprendizado é a certeza de que a vida acontece em rede, como nos ensina Fritjof Capra²⁴ “Sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes”.²⁴ Portanto, certas redes produzem vida, redes que atuam “por fora” dos imaginários e das normas sociais vigentes. Nessa compreensão, pensamos em como a política de saúde pode olhar para esse grupo social e outros grupos, na produção de vida destes sujeitos, potencializando estas redes?

O exercício metodológico de não somente olhar para a realidade dos catadores e catadoras, mas nos implicar no acompanhamento dos processos de trabalho, vida e formas de existência, “em ato”, nos desterritorializou e re-territorializou, nos mobilizou a pensar na perspectiva da saúde para além dos serviços de saúde, nas normas e protocolos que aprisionam o trabalho em saúde, na potência da construção de redes como espaços de relações e cooperação. Podemos afirmar que vivenciamos uma aprendizagem como exercício da alteridade.

Se a pesquisadora se desterritorializa nas intensidades do agir cartográfico, como os serviços de saúde, os profissionais, trabalhadores, gestores, também podem se desterritorializar compreendendo que essas redes também são formas de se organizar e produzir saúde? Surpreende analisar o mapa cartográfico do pequeno grupo de catadores, ver tanta potência de vida no emaranhado daquela rede tecida com muita luta já que desses encontros dependem a auto sustentação da associação e a sobrevivência daquelas famílias. Um grupo tão pequeno que produz tantas redes... e nós, atores da saúde, com tantas dificuldades de produzir redes, nos restringindo ao nosso lugar, perpetuando a lógica fragmentada do fazer saúde.

Os serviços de saúde não se deixam afetar pelos modos de vida que não são os vigentes, pela incapacidade de acolher e compreender esse trabalho, as redes e a produção de vida nestas redes. Exercitar o olhar cartográfico nos serviços, nas ações das equipes de saúde, perceber a potencialidade que a equipe tem de produzir redes pode ser um caminho. Algumas equipes até já o fazem, porém, as redes não estão visibilizadas e, por isso, não são percebidas e fortalecidas. Importante mirar para a dinâmica das relações que conformam estas redes com mais atenção.

Trouxemos a visibilidade da rede desse grupo de catadores, ausentes das políticas, fora da “cobertura”, do “acesso” e do cuidado em saúde, como parte da função social da pesquisa, como ação política. Pensemos então como podemos produzir visibilidade para outros grupos que também estão invisíveis? O olhar cuidadoso para o grupo social dos catadores e catadoras, a aproximação que fizemos no exercício cartográfico se apresentam como estratégia potente para que possamos pensar na vida dessas pessoas que é tomada pelo tempo de produção, por um trabalho que ocupa a vida. O movimento nômade destes sujeitos no território vivo exige que a gestão do cuidado trace estratégias que dialoguem com as redes vivas que produzem e aprenda com elas. E assim, na compreensão do modo como vivem e se movimentam, pensar as políticas públicas, a Atenção Básica, as ações de Educação em Saúde a partir das necessidades de cuidado e modos de viver destes sujeitos.

As políticas de saúde têm como uma de suas pautas a discussão da intersectorialidade, porém, na prática, tem enormes dificuldades de estabelecer redes e articulações com as instituições, com a sociedade civil, com a população. A fragmentação tem sido a marca das políticas públicas brasileiras que não transversalizam suas ações, deixando de fora de sua atuação alguns grupos sociais. Compreendemos a relevância de olhar para estes grupos na perspectiva de suas redes vivas, no sentido da integralidade de programas e ações que garantam, de fato, o direito à cidadania. O desafio das políticas de saúde é olhar para seus territórios, cartografá-los e, a partir deste mapeamento, encontrar potência nos grupos e atores destas redes, conectando-se aos fluxos destas redes.

Neste percurso de aprendizados com os catadores e catadoras e no exercício da cartografia, entendemos que o mapa será sempre inacabado e aberto. Participamos desta rede e deixamos fios soltos com potência para futuras interferências e conexões. O estudo rizomático que aqui produzimos deixa aberta a possibilidade de outros mapeamentos e trajetos nas múltiplas redes que se desdobram em um campo profícuo para novas investigações, implicações e afetamentos.

Referências

- 1 Kastrup V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: Passos E, Kastrup V, Escóssia L da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina; 2015. p. 60-149.
- 2 Passos E, Barros R. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Passos E, Kastrup V, Escóssia L da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa - intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina; 2015. p. 27.
- 3 Deleuze G, Guatarri F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro; 34. ed. 1995;1:21.
- 4 Haesbaert R. Território, cultura e des-territorialização. In: Rosendahl Z, Corrêa RL (Orgs.). *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro: Editora UERJ; 2001. p. 119-120.
- 5 Sckweickardt JC [et al.] Território na Atenção Básica: abordagem da Amazônia equidistante. IN: *In-formes da Atenção Básica: aprendizados de intensidade por círculos em rede*, Vol. 2/ Ceccim RB... [et al.] organizadores. Porto Alegre: Rede Unida; 2016.
- 6 Haesbaert R. *Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2009.
- 7 Rolnik S. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; 2006.
- 8 MNCR -Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. [acesso 2017 Ago 20] Disponível em: <http://www.mncr.org.br>.
- 9 Barros VA, Pinto JBM. Reciclagem, trabalho e cidadania. In Kemp VH & Crivellari HMT. (Orgs.), *Catadores da Cena Urbana, construção de políticas socioambientais*. Belo Horizonte: Autêntica; 2008. p. 65-82.
- 10 Brasil. Lei Federal nº 11.405, de 5 de janeiro de 2007. Estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico, altera as Leis nº 6.766, de 19 de dezembro de 1979, 8.036, de 11 de maio de 1990, 8.666, de 21 de junho de 1993, 8.987, de 13 de fevereiro de 1995; revoga a Lei nº 6.528, de 11 de maio de 1978; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 Jan 2007.
- 11 Brasil. Lei Federal nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 3 Ago 2010.
- 12 Miura PCO. *Tornar-se catador: uma análise psicossocial*. Dissertação de mestrado não publicada, Mestrado em Psicologia Social, orientadora Dra. Bader Sawaia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo; 2004.
- 13 Castells M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra; 2005. p. 565-566.

14 Mance, Euclides. A revolução das redes. A colaboração solidária como alternativa pós-capitalista à globalização atual. Petrópolis: Vozes; 2000. p. 24.

15 Franco TB, Merhy E. Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde. São Paulo: Hucitec; 2013. p.152-14.

16 Merhy E et al., Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. Divulgação em saúde para o debate. Rio de Janeiro: OUT 2014; 52: 153-164.

17 Franco TB, in Pinheiro R, & Matos RA. "Gestão Em Redes", LAPPIS-IMS/UERJ-ABRASCO, Rio de Janeiro; 2006.

18 Merhy et al. **Da repetição a diferença: construindo sentidos com o outro no mundo do cuidado** IN: Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: Surpreendendo o instituído nas redes / organização Laura Camargo Macruz Feuerwerker, Débora Cristina Bertussi, Emerson Elias Merhy. 1. ed. Rio de Janeiro: Hexis; 2016.

19 Feuerwerker LCM. Micropolítica e saúde: produção do cuidado, gestão e formação. Porto Alegre: Rede Unida; 2014.

20 Bauman Z. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005. p.48.

21 Guattari F. Caosmose. Editora 34: São Paulo; 1992.p.19.

22 Bertussiet al. Viagem cartográfica: pelos trilhos e desvios. IN: Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: Surpreendendo o instituído nas redes / organização Laura Camargo Macruz Feuerwerker, Débora Cristina Bertussi, Emerson Elias Merhy. 1. ed. Rio de Janeiro: Hexis; 2016.

23 Merhy EE. "O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio em reconhecê-lo como saber válido". In: Franco, T. B. e outros **Acolher Chapecó**. São Paulo: Hucitec; 2004.

24 Capra F. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix; 1996.

4.2 Artigo 2

Identidade e trabalho nas redes vivas dos (as) catadores (as) de resíduos sólidos no município de Manaus – Amazonas – Brasil.

Resumo

O objetivo do artigo¹ é discutir a identidade e o trabalho na relação com a produção de redes vivas e de saúde dos catadores e catadoras de resíduos sólidos no município de Manaus/AM. Os participantes do estudo são da Associação de Catadores de Resíduos Sólidos Nova Recicla, localizada na Zona Leste de Manaus, organizados em torno do Movimento Nacional dos Catadores de Resíduos Sólidos (MNCR). Trata-se de uma Pesquisa Social, qualitativa, com uma abordagem do método da Cartografia. A pesquisa permitiu identificar as redes de agenciamentos nos processos de trabalho e analisar a construção das identidades a partir do argumento da reciclagem. O movimento político tem colaborado com a mudança da identidade social desse grupo através de uma lógica de organização que contribui positivamente com a autoimagem dos (as) catadores (as) e as condições de trabalho e renda.

Palavras-chave: Redes Sociais; Identidade; Trabalho; Saúde Coletiva; Amazônia

¹ Este artigo faz parte dos resultados da Dissertação de Mestrado “As redes vivas no trabalho dos catadores e catadoras de resíduos sólidos no município de Manaus/AM”, produção inserida nos projetos do Laboratório de História, Políticas Públicas e Saúde na Amazônia - LAHPSA, do Instituto Leônidas e Maria Deane - Fiocruz Amazônia, que desenvolve pesquisas com grupos sociais, territórios e as redes vivas na Amazônia.

O encontro com a produção de outros sentidos

Quem são estes (as) que perambulam nas ruas - faça chuva, faça sol - catando latas, papelões, plásticos e quaisquer outros objetos que carreguem algum valor, os restos desprezados por um exército sem número de consumidores ávidos pelo novo, pelo estético, pelo moderno e descartável? Que singularidades os catadores e catadoras de resíduos sólidos revelam no seu caminhar diário nas ruas da Zona Leste de Manaus nas redes vivas do trabalho e como a organização política em torno de uma Associação de Catadores (as) pode afetar suas identidades e processos de trabalho? O componente político e a organização do trabalho por meio do associativismo podem contribuir com melhores condições de saúde dos catadores e catadoras? Estas são algumas perguntas que nos levaram a investigar as redes vivas no trabalho dos catadores e catadoras de resíduos sólidos.

Na revisão de literatura verificamos um expressivo número de produções com questões relativas ao meio ambiente e sustentabilidade justificadas pelo despertar global, após os anos 1980: sustentabilidade e vida do planeta¹; gestão de resíduos urbanos²; coleta seletiva e reciclagem^{3,4}; logística reversa⁵; impactos ambientais e inclusão social⁶. Os trabalhos relacionados aos catadores (as) de resíduos e materiais recicláveis abordam questões como condições de vida e trabalho, inclusão social e produtiva e os riscos que ameaçam a sua saúde. Algumas referências destacam os temas: vulnerabilidade⁷; condições e organização de trabalho^{8,9,10}; risco e perigo à saúde do trabalhador^{11,12,13}; doenças¹⁴; inclusão social e produtiva¹⁵; proteção jurídica dos direitos dos catadores¹⁶, saúde sexual e reprodutiva¹⁷, risco de adoecimento e estratégias defensivas de mulheres catadoras¹⁸.

Os caminhos deste estudo buscaram discutir outros aspectos da identidade e do trabalho na relação com a produção de redes vivas e de saúde. Aqui utilizando a noção de “Rede Viva” como um modo de produção das conexões existenciais de indivíduos e coletivos. O conceito de Redes Vivas foi inspirado na ideia de Rizoma, emprestada da botânica, usada por Deleuze e Guatarri¹⁹, na obra *Mil Platôs I*, um modelo descritivo ou epistemológico, na qual a estrutura de algumas plantas os brotos podem ramificar-se em qualquer ponto, que tanto pode funcionar como raiz, talo ou ramo, independente de sua localização na figura da planta.

Mapear a rede viva da associação de catadores e catadoras a partir do lugar que ocupamos, o da Saúde Coletiva, permitiu-nos visualizar a capilaridade, intensidades e efeitos das relações produzidas pelos (as) catadores (as), compreender as redes como produtoras de vida e o movimento cartográfico como potência na produção do cuidado em saúde, pela possibilidade de conectar a rede de saúde a sujeitos e grupos, muitas vezes invisibilizados pelas políticas públicas.

Desse modo, buscamos conhecer a rede de relações dos (as) catadores (as) e os encontros que acontecem no movimento de luta e trabalho que permitiu investigar a construção da identidade destes atores nas relações de trabalho, sociais e políticas que o movimento preconiza. Na aproximação respeitosa, nos vinculamos e conectamos nesta rede viva composta de pessoas, grupos e instituições - sociais e políticas e também com as trajetórias e histórias de vida destes sujeitos. Os processos de trabalho dos catadores, imersos em uma realidade tão adversa e singular, trazem embutidos em si, dimensões subjetivas capazes de descortinar outros sentidos, significados e possibilidades de captar a realidade. A subjetivação produz novos territórios existenciais e tenciona para a invenção de novos mundos, em um processo simultâneo de invenção de si mesmo²⁰.

Coabitar estes territórios possibilitou o mergulho nas intensidades do mundo da catação e, implicados, acompanhamos o trabalho e a construção da identidade social de catadores e catadoras muitas vezes marcados pela invisibilidade e desprestígio por serem catadores de “lixo”, estigmatizados como lixeiros, mendigos ou viciados em drogas. Deste modo, se descortinaram singularidades, desejos, desafios, lutas e esperanças construídas no território, nas ruas, em espaços de vida e trabalho.

Este estudo, realizado de modo compartilhado com catadores e catadoras, permitiu problematizações e reflexões-críticas sobre o processo de trabalho no cotidiano capazes de “empoderar” social e politicamente estes (as) trabalhadores (as). Pretende ainda colaborar com a organização política e o protagonismo destes sujeitos enquanto movimento social, com a visibilidade e a inclusão sócio produtiva do grupo, além de estimular à participação social e a construção de cidadania. Também vem de encontro ao fortalecimento da Saúde Coletiva que tem como um de seus eixos estruturantes as relações entre as condições de vida e trabalho.

O agir metodológico

O presente estudo faz parte de uma pesquisa social e qualitativa, Para os objetivos desse estudo precisávamos de uma caixa de ferramentas que nos permitisse a visão do território a partir do sujeito, de modo a ampliar as possibilidades de observação das produções de vida e trabalho. Aqui está, portanto, a grande contribuição da opção metodológica da Cartografia que é “inteiramente voltada para uma experimentação ancorada no real”¹⁹ (p. 21) e pressupõe a implicação na realidade dos sujeitos pesquisados. Conforme explicam Alvarez e Passos²¹ é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam. Na Cartografia “a orientação do trabalho do pesquisador não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos”²² (p. 27). O desafio, portanto, foi não mais caminhar para alcançar metas prefixadas, mas no caminhar, no percurso, traçar as metas a partir do plano da experiência.

Desta forma, a Cartografia não permite que nos coloquemos de maneira hierarquizada diante dos sujeitos pesquisados porque não pesquisamos algo, alguma coisa, mas alguém. Cartografar, portanto, exige engajamento, compor com o território existencial do outro. “Sabemos que o processo de composição de um território existencial requer um cultivo ou um processo construtivo. Tal processo coloca o cartógrafo numa posição de aprendiz, de um aprendiz-de-cartógrafo”²¹ (p. 135). “O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos”²³ (p. 60). Portanto, fomos ao campo, para participar e conhecer as dinâmicas e processos de trabalho dos (as) catadores (as) com a atenção aberta e flutuante, principalmente ao plano dos vínculos e dos afetos.

Na vivência da Cartografia, selecionamos algumas técnicas de pesquisa antes de ir a campo, mas foi na fase de produção de dados que pudemos, na dinâmica das atividades, compreender as melhores ferramentas para a pesquisa, decisão acertada diante da premência pelo tempo por parte dos (as) catadores (as). Desta forma, trabalhamos com observação participante, roda de conversa, entrevistas com roteiro semiestruturado, anotações em diário de campo e acompanhamento de um catador nas suas atividades de catação. A transcrição das narrativas e tratamento das informações foi realizada por meio da Análise de Discurso.

A pesquisa foi realizada com 10 trabalhadores (as) dos 20 catadores e catadoras da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis Nova Recicla, localizada no bairro Cidade de Deus, Zona Leste do município de Manaus, Amazonas, ligados ao Movimento Nacional dos Catadores de Resíduos Sólidos (MNCR) que, de maneira compartilhada, nos ajudaram a realizar este estudo.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) visto se tratar de trabalho com seres humanos, segundo a Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e obteve parecer consubstanciado do CEP número CAAE 63097716.1.0000.5016

Os Catadores e o Movimento Social.

Schmitt²⁴ descreve que a exploração da força de trabalho dos catadores possui raízes históricas que podem ser encontradas na figura do pobre, outrora camponês, nos espaços urbanos das cidades medievais. Percebidos pela sociedade feudal como um "corpo marginal", este grupo, em consequência do êxodo rural, teve papel expressivo na criação dessas cidades, embora tenha sido destituído de seus direitos mais elementares. Com a ascensão do capitalismo e da cidade burguesa surgida da Revolução Industrial, passou então a ser considerado "massa sobrando",

No Brasil, desde a década de 1960, diversas experiências - muitas delas apoiadas pelas pastorais da Igreja Católica, organizações não governamentais (ONGs) e universidades - tinham buscado aproximação com catadores e a população de rua²⁵. Com o objetivo de transformar essa realidade, os catadores e catadoras encontraram na organização do trabalho uma alternativa de luta e "empoderamento". Com a organização do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), a partir de 2001, e a fundação do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR)²⁶, em 2004, a organização política desses atores sociais se ampliou exponencialmente e contribuiu para colocar no mapa das políticas os temas cotidianos e a visão sobre o Brasil desses movimentos sociais²⁵.

O trabalho de catação de resíduos sólidos é na atualidade o elemento fundamental em um circuito econômico que envolve a reciclagem de resíduos que interessam tanto à indústria quanto aos agentes que compõem esta atividade

produtiva. O catador participa como elemento base de um processo produtivo ou de uma cadeia produtiva bastante lucrativa, para outros é claro, que tem como principal atividade o reaproveitamento de materiais que já foram utilizados e descartados e que podem ser industrializados e recolocados novamente no mercado para serem consumidos²⁷.

Apesar de realizarem um serviço de utilidade pública e reconhecidamente importante porque geram “benefícios positivos para a natureza e para a sociedade, já que promovem a economia de recursos naturais e de espaços de armazenamento dos resíduos”²⁸ (p.14), seguem com dificuldades de reconhecimento social e profissional, seja pela dificuldade de acesso aos direitos trabalhistas, à proteção à saúde e também pelo preconceito que carregam por trabalhar com o “lixo”, o subproduto mais desprezível da atividade humana.

Hoje, o lixo, cada vez mais opulento, oferece campo para uma estratégia de sobrevivência ligada à coleta do reciclável do descarte urbano. Na perspectiva do pobre urbano, o lixo é fonte renovável de recursos naturais, na qual ele “garimpa” e cria mercadorias.²⁹ O que para grande parte das pessoas é descarte, desprezível e sem valor, para os catadores e catadoras é uma importante fonte de renda e sobrevivência, é o “luxo da sobrevivência” em contraponto com o lixo.

As estimativas do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) indicam o número de 800 mil trabalhadores (MNCR, 2016)³⁰. Estes números podem ser maiores porque segundo dados do Compromisso Empresarial para a Reciclagem (Cempre, 2013)³¹ existem mais de um milhão de catadores, responsáveis pela coleta de 90% do que é reciclado no país, chegando a recolher individualmente 3 toneladas por mês de material reciclável. Somadas, são cerca de 1.100 organizações de catadores (as) em todo o Brasil, evidenciando a ascensão dessa categoria laboral e seu papel imprescindível para a reciclagem (CEMPRE, 2013)³¹, de que se conclui que o crescimento desta força de trabalho tem sido bastante expressivo. O objetivo do MNCR é promover a organização social e produtiva dos catadores e catadoras, valorizar o trabalho e garantir o protagonismo popular, orientados pelos princípios que norteiam a luta dos catadores e catadoras (autogestão, ação direta, independência, solidariedade de classe e democracia).

A criação do MNCR permitiu a participação efetiva dos catadores (as) na luta por reconhecimento, inclusão social, melhores condições de trabalho e vida. O Movimento Nacional dos Catadores (as) de Resíduos Sólidos (MNCR) surgiu em meados de 1999 com o 1º Encontro Nacional dos Catadores de Papel sendo fundado em junho de 2001, no 1º Congresso Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis, evento que reuniu mais de 1.700 catadores e catadoras. No Congresso, foi lançada a Carta de Brasília, com reivindicações e propostas, resultado de um longo processo de articulação e lutas, apoiado pelo Fórum Nacional de Estudos sobre População de Rua (MNCR, 2016)³².

Nos últimos anos, um conjunto de normas e Leis tem contribuído para a visibilidade e reconhecimento dos (as) catadores (as). O principal marco para a profissão de catador é o reconhecimento oficial do Governo Federal em 2001 quando a ocupação passou a ser registrada pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) (Ministério do Trabalho e Emprego, 2002)³³ com as seguintes designações: catador de material reciclável, selecionador de material reciclável e operador de prensa de material reciclável.

O grande marco normativo para o setor de resíduos sólidos foi a aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) em 2010 - Lei nº 12.305³⁴. Os principais elementos inaugurados pela nova legislação foram: a obrigatoriedade de entes públicos elaborarem planos de resíduos sólidos, fecharem lixões e implementarem a coleta seletiva; o conceito de gestão compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos; e o estabelecimento da logística reversa. Além disso, a PNRS incorporou a inclusão de catadores de materiais recicláveis como sua parte fundamental. A regulamentação da PNRS se deu pelo Decreto nº 7.405/2010³⁵, que destaca que os municípios devem priorizar a participação de cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis na coleta seletiva²⁵.

Embora os (as) catadores (as) tenham a profissão reconhecida e sejam resguardados por um comitê específico observa-se que ainda desempenham suas atividades em condições precárias, sofrem preconceitos e possuem baixo reconhecimento do papel que representam na economia e no meio ambiente³⁶.

A produção da identidade social

A Associação Nova Recicla faz parte de uma rede como uma das dez Bases Orgânicas ligadas ao Comitê Regional Amazonas, do MNCR. A definição de Base Orgânica, segundo a Cartilha de Formação do MNCR (2005)³² é o agrupamento de catadores que integram a luta e o trabalho da catação, que pode estar organizado por meio de cooperativas, associações, grupo não formalizado ou entreposto. A Nova Recicla conta atualmente com vinte associados, deste total, dez trabalhadores (seis homens e quatro mulheres) aceitaram participar do estudo. Dos dez entrevistados, seis tem ensino fundamental incompleto e idade superior a 35 anos, quatro estão na atividade da catação há mais de cinco anos e oito trabalharam anteriormente com vínculo empregatício (empregada doméstica, auxiliar de depósito, vigilante, carregador, boleira/padeira, professora, trabalhador da indústria).

Compreendemos que, de maneira geral, a motivação principal para o trabalho na catação é a luta pela sobrevivência devido ao desemprego e dificuldades de recolocação no mercado. Ou seja, ser catador não é uma opção, mas sim uma alternativa para a subsistência.

Quando perdi meu emprego de auxiliar de depósito, eu fui atrás de trabalho e não achei mais, aí arrumei esse trabalho aqui de catador através do meu cunhado. Eu queria arranjar outro trabalho, ele já trabalhava aqui e me convidou. Eu andava com ele na rua, não sabia como era, eu tinha vergonha. O dinheiro que ele pegava, nós repartíamos, ele fez assim comigo" (Catador R.O)

Magera³⁷, IPT³⁸ e Miura³⁹, relacionam o crescimento do número de catadores de materiais recicláveis com as crescentes exigências para o acesso ao mercado formal de trabalho e também ao aumento do desemprego. Para esses autores, alguns trabalhadores da catação constituem uma massa de desempregados que, por sua idade, condição social e baixa escolaridade, não encontram lugar no mercado formal de trabalho³⁶.

Observamos a relação direta entre o trabalho e a construção da identidade. O que é corroborado por Medeiros e Macedo³⁶ que defendem que o trabalho tem um significado essencial no universo da sociabilidade humana, ele não é apenas meio de vida, ele forma a identidade da pessoa e a sua profissão caracteriza o seu modo de vida.

As narrativas sobre o sentimento de ser catador revelam, principalmente nos jovens do grupo, vergonha pela identidade que carregam, como expressou o catador H.E: “Eles pensam assim, esse cara aí é mendigo, eu vejo assim”. Para Miura³⁹, há uma relação dialética entre os sentimentos de vergonha e orgulho que constituem o fazer do catador no exercício de lidar com o lixo. Primeiramente, a vergonha, quando sobrevive em condições desumanas e é comparado ao produto que lhe gera renda e condições de sobrevivência.

“Pra mim a maioria das pessoas que tem uma visão do catador que trabalha pra sustentar o vício. Pensa que agente é viciado, porque tem umas pessoas que trabalham só para sustentar o vício”. (Catador A.L)

A gente tinha aqui o João, ele foi pra o Fuxico juntar, trabalhar, aí davam dinheiro pra ele e ele tinha vergonha. Ele é bem moreninho né, já é tanto preconceito. Ele dizia que achavam que ele era mendigo. Daí eu dizia: - É só você falar teu trabalho, você está uniformizado. Mas ele ficou com vergonha e não quis mais ir”(Liderança dos catadores –Maria).

Segundo Miura³⁹ em detrimento do sentimento de vergonha, vem o sentimento de orgulho quando descobrem a importância como agente ambiental que contribui para as questões de preservação e conservação. Fazendo um contraponto com o referido autor, descobrimos que os catadores e catadoras associados (as) não se percebem como agentes ambientais, tampouco demonstram consciência ambiental ou orgulho. Ao serem indagados sobre esta questão, as narrativas surgiram imersas em questões de trabalho e sobrevivência e nenhum dos entrevistados trouxe em sua fala a afirmação ou a ideia de que contribuem com o meio ambiente, ainda que levados a esta reflexão pela pesquisadora.

Tem pessoa que fica falando de você né? Tá juntando lixo, mas não sabe que a pessoa tá tirando ali né? Tem pessoa que nem sabe que dá dinheiro e, desde lá, que eu fui botando na minha cabeça que era muito dinheiro jogado fora, no lixo. Tem gente que vai atrás e fala: não vai rasgar todo o lixo e deixar tudo jogado não. Quero tirar só o que é reciclagem, não sou outras pessoas que não sabe nem o que é negócio de Associação (Catador R.O).

Observamos que a noção de sustentabilidade e o sentimento de contribuição na preservação ambiental não alcançam a realidade destes sujeitos ainda que estejam inseridos no circuito econômico da reciclagem e no argumento da sustentabilidade. Este circuito que insere catadores e catadoras acompanha a

lógica capitalista industrial e o mercado de consumo. Neste sentido, estes trabalhadores que tem nas ruas seus meios de sobrevivência, catam os resíduos norteados pela necessidade de sobrevivência, alheios às questões ambientais. Leal et al²⁷ ao problematizar o argumento da reciclagem dentro do sistema produtivo do capital levanta reflexões que nos ajudam a situar as narrativas dos catadores.

Este circuito acaba sendo composto pelos catadores, pelos intermediários, que procuram acumular a maior quantidade de material para revender e as indústrias de reciclagem. Toda essa organização, que articula os mais diferentes sujeitos toma então uma forma física e se territorializa nos centros urbanos, sobretudo das cidades de países formados por um número grande de pobres e desempregados, cidades que são locais de consumo por excelência, onde os resíduos que podem vir a ser recicláveis são descartados em grande quantidade, havendo também uma força de trabalho vivendo em condições precárias, totalmente desassistida e que se vê obrigada a coletar o material que pode ser reciclável e comercializá-lo com forma de sobreviver²⁷.

Neste sentido, a fala existencial destes sujeitos encontra eco na compreensão de Leal et al²⁷ quando diz que a reciclagem é amplamente difundida como uma ação essencialmente benéfica, que ajuda a diminuir danos ambientais, colaborando para a solução de um dos maiores problemas urbanos da atualidade, o do que fazer com o lixo. No entanto, apesar de se beneficiar do discurso da preservação ambiental, não tem nessa ideia o seu objetivo principal, sendo este a reprodução ampliada do capital empregado. Este discurso ideológico não encontra ressonância nos grupos sociais desfavorecidos que lutam diariamente pela sobrevivência. Portanto, catadores e catadoras deste estudo não se percebem como “agentes ambientais”.

Os processos formativos na associação têm como objetivo a aproximação dos catadores de materiais recicláveis com as temáticas relativas a economia solidária, inserção na cadeia produtiva de reciclagem, gestão da associação, metas, ações estratégicas, legislações, editais para captação de recursos e conscientização sobre direitos dos catadores e catadoras. Também se destacam as falas sobre a necessidade de perceberem a atividade como um negócio que precisa da cooperação e sentimento de pertencimento de todos (as). Desta forma, no cotidiano, estes (as) trabalhadores (as) não discutem os impactos positivos da atividade para o meio ambiente. No entanto, o argumento da sustentabilidade fortalece as Associações/Cooperativas no movimento político, por meio de apoios, legislações,

projetos e recursos que viabilizam investimentos no aparelhamento do galpão, aperfeiçoamento e desenvolvimento do grupo.

[...] Agente só tem o que tem hoje através dessa Lei 2.305 e a outra lei estadual que agora é nova, 249, de 2015. Essas são dos órgãos públicos e estaduais que foi sancionada ano passado de autoria do Deputado Luiz Castro, da Comissão de Meio Ambiente, que diz que todos os espaços, shopping, hospitais, tem que se adequar para destinar o reciclado para as associações e cooperativas de catadores (Liderança Maria).

Chama à atenção a auto percepção dos catadores e catadoras sobre sua identidade no trabalho. Constatamos que os próprios catadores, assim como aqueles que revelam preconceito acerca do trabalho com o “lixo”, resistem a serem confundidos com “lixeiros”, como argumenta o catador D.A: “[...] Discriminação né, o pessoal acha que a gente é lixeiro”. Na realidade de sobreviver das sobras de uma sociedade preocupada em consumir cada vez mais, o catador de material reciclável recolhe o lixo e o “ressignifica” como sinônimo de sobrevivência⁴⁰.

[...] Porque eles acham assim que a gente tá revirando os lixos, catando outra coisa além de papelão, sacola, e outras coisas recicláveis, pensam que estamos mexendo no lixo e discrimina a gente como lixeiro (Catador D.A).

Estas narrativas dos catadores nos instigam a pensar sobre a ressignificação do lixo para estes sujeitos. Ao mesmo tempo em que o lixo é o produto que permite a sobrevivência por meio do trabalho informal, existe o paradoxo deste mesmo lixo carregar uma semântica tão negativa, que o próprio catador recusa a identidade de lixeiro, revelando uma clara interferência na autoimagem destes (as) trabalhadores (as). Catar lixo é considerado por Barros, Sales e Nogueira⁴¹ uma atividade excludente pela própria natureza do tipo de trabalho. Este fato é fortalecido quando o trabalhador do galpão também fortalece outra identidade, a de prensador. “Eu não falo que sou catador, sou prensador, né?” (Catador D.A). Esta ressignificação se reflete também na legislação. No Brasil, o lixo recebeu a denominação de Resíduo Sólido segundo classificação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT,2004)⁴², responsável por normatizar os resíduos componentes do lixo.

Ao falar do preconceito que sofrem no contexto social, os (as) entrevistados (as) já reafirmam a identidade de catador de resíduos. Ao serem questionados como as pessoas olham para o trabalho deles, emergiram estas respostas:

Eu nem sei... (pausa pensativa)

Tem uns que olham com preconceito sim. Mas eu nem ligo, é meu trabalho ali, né? (Catadora J.A).

Trabalho nenhum pra mim me deixou defeito, graças a Deus. Se o camarada chegar e disser que vai me pagar para pegar ali um monte de imundície, eu vou, eu gosto de ganhar o meu dinheiro (Catador J.O)

Ah, tenho vergonha não. A gente tinha a padaria, mas de tarde eu ia pro Fuxico, demorou um tempo uma mulher foi levar um rancho lá na mamãe, começaram a levar umas coisas na mamãe e perguntei, mas pra quê é? Eles achavam que eu estava passando necessidade, dificuldade. Comecei passando mesmo dificuldade mas a gente não precisa porque é de lá que a gente tira nosso sustento. Então não sou de começar a ter vergonha não. Aí quanto mais material melhor pra nós porque eu não estava na sarjeta então porque eu ia ter vergonha, melhor do que roubar, matar e se prostituir, né? É trabalho digno (Liderança MARIA).

Barros e Pinto⁴³ consideram que as iniciativas de economia solidária não seriam apenas uma maneira de proteção contra o desemprego, mas também permitiriam uma nova significação da autoimagem dos catadores, melhorando a autoestima e resgatando significados do trabalho, a exemplo do que narra a catadora J.A: “Quando perguntam minha profissão falo que sou catadora de papelão e plástico”. Os catadores e catadoras revelam com orgulho que possuem saberes sobre a reciclagem por conta de serem associados e isso os diferenciam daqueles que não compreendem a atividade que executam.

Estamos organizados, mas se não tiver organizado não vale nada, é cair por terra, passar por toda aquela dificuldade que a gente passou no início, de ser enganado, de ser explorado, De não ter um apoio. Depois que se consegue ter o CNPJ é outra coisa, a gente consegue ver uma luz no fundo do poço. E o movimento ajuda na autoestima da pessoa (Liderança Maria).

“A gente trabalha com reciclagem, a gente é da Nova Recicla, eu sempre ouço deles e fico um pouco alegre de poder estar contribuindo um pouco com eles” (Liderança Maria).

Destacamos ainda o sentido de organização do trabalho, o pertencimento ao território e a responsabilidade em executar um bom trabalho.

Tem gente que vai atrás e fala: não vai rasgar todo o lixo e deixar tudo jogado não. Quero tirar só o que é reciclagem, não sou outras pessoas que não sabe nem o que é negócio de Associação (Catador R.O).

Eu fico até mais tarde para regularizar e limpar meu setor lá onde eu trabalho, deixo tudo limpinho (Catador J.O).

A perspectiva ideológica e política que orienta as cooperativas e associações passam pela experiência de gestão participativa e mobilização política dos catadores em busca de melhores condições de trabalho e vida, reconhecimento social e da construção de sua cidadania. Portanto, para pertencer a uma associação é preciso experimentar a construção da identidade política. Neste movimento, os catadores e catadoras participam de reuniões e assembleias que tratam tanto da organização social quanto da sensibilização e formação destes trabalhadores.

O catador que não é associado não sabe como que é o negócio, não sabe o que é Associação, eles têm que sentar em uma mesa e pelo menos um dia, em uma reunião, pra saber o que é Associação. Tem catador que só quer saber de vender o que ele encontrar pela frente, mas não quer saber o quanto ele tira por mês (Catador R.O).

Sob o ponto de vista psicossocial, concordamos com Miura³⁹ quando afirma que tornar-se catador é percebido como fonte de dignidade e modo legítimo de obter renda. Uma alternativa ao desemprego e necessidade de subsistência da família. As narrativas revelam que fazer parte da uma associação contribui tanto para a melhora da autoimagem destes (as) catadores (as) e a afirmação de sua identidade, quanto com as melhorias nas condições de trabalho. É uma atividade que faz do excluído um trabalhador inserido no mundo do trabalho. No entanto, precisamos pensar a forma como esta inclusão acontece, diante de tanta luta, de condições ainda precárias no processo de trabalho e da ausência de garantias trabalhistas.

O trabalho dos (as) catadores (as) no cotidiano: “Quando o papelão começou a dar mais que o pão”.

O trabalho de catação de resíduos sólidos é na atualidade o elemento fundamental em um circuito econômico que envolve a reciclagem de resíduos que interessam tanto à indústria quanto aos agentes que compõe esta atividade

produtiva. O catador participa como elemento base de um processo produtivo ou de uma cadeia produtiva bastante lucrativa, para outros é claro, que tem como principal atividade o reaproveitamento de materiais que já foram utilizados e descartados e que podem ser industrializados e recolocados novamente no mercado para serem consumidos²⁷.

Calderoni⁴⁴ justifica que a formação de associações ou cooperativas de catadores tem em uma relevante inovação institucional, pois permite uma melhora nos ganhos desses trabalhadores em relação ao trabalho de catação de rua, e torna-os menos vulneráveis nas negociações com as indústrias ou com os intermediários que compram o material reciclável.

Os jovens entrevistados deixaram claro que a motivação para trabalharem como catadores foi a falta de oportunidade de trabalho. “É melhor do que ficar em casa, talvez matando e roubando, não é ruim, por um lado é bom” (Catador H.E). Conforme já revelou Antunes⁴⁵ esta é uma tendência presente no mundo do trabalho, a crescente exclusão dos jovens, que atingiram a idade de ingresso no mercado de trabalho e que, sem perspectiva de emprego, acabam muitas vezes engrossando as fileiras dos trabalhos precários, dos desempregados, sem trabalho, dada a vigência da sociedade do desemprego estrutural.

Paralelamente à exclusão dos jovens vem ocorrendo também a exclusão dos trabalhadores considerados “idosos” pelo capital, com idade próxima de 40 anos e que, uma vez excluídos do trabalho, dificilmente conseguem reingresso no mercado de trabalho, como é o caso do catador V.A: “Acabamos deixando a padaria até passar de vez para o papelão porque com essa idade ninguém quer mais como empregado”. Somam-se, desse modo, aos contingentes do chamado trabalho informal, aos desempregados, aos “trabalhos voluntários” etc⁴⁵.

Percebemos ainda uma tentativa de ressignificação do conceito de trabalho. A catadora L.U, apesar de ter uma padaria, acordar de madrugada para fazer pão, não percebia a padaria como trabalho: “Pra falar a verdade eu nunca trabalhei na vida” (Catadora L.U). Chama também à atenção a fala do catador V.A, esposo da catadora L.U que também trabalhava na pequena padaria com a esposa. O catador considera o trabalho na padaria mais “pesado” do que a atividade da catação:

Passei dezesseis anos na Semp Toshiba, tinha diversas funções, lá foi bom sabe, adquiri moradia, automóvel, ajudei a criar os filhos. Com a padaria foram dez anos, mas é muito trabalho, mais que papelão. Saí três horas da manhã da Fundação Cecon, mas estou aqui. Na padaria não parava nem pra comer desde a madrugada (Catador V.A).

Neste sentido, as reflexões de Bosi¹⁰ em seu estudo intitulado *A organização capitalista do Trabalho “Informal”* (2008) que analisa as principais abordagens teóricas sobre a cata de recicláveis pode justificar a ressignificação do trabalho deste catador. O referido autor aponta que uma abordagem teórica é a apreensão de uma modalidade de trabalho “autônomo”, uma “invenção” do próprio trabalhador, uma “oportunidade” em meio às reconhecidas mudanças no mundo do trabalho, responsáveis pelo encolhimento do número de empregos “formais”. Numa vertente moderada desta visão, encontramos ainda reflexões sobre a construção de uma nova identidade mais assentada no espaço do que no trabalho, conforme sugere Gorbán⁴⁶, que explica que a rua constituiu-se como um espaço dentro do mercado de trabalho que parecia abrir suas portas aos trabalhadores desempregados. Assim, o trabalho dos catadores aparece como uma das diversas formas que hoje fazem da rua seu lugar de trabalho.

Bosi¹⁰ ainda observa que no conjunto desses raciocínios, o trabalho do catador não tende a ser apreendido e interpretado como trabalho explorado, que gera mais-valia e que é organizado e articulado, em larga medida, em função do processo de acumulação de capital. Trazendo essa referência para os próprios catadores e catadoras, o conjunto de narrativas destes sujeitos não expressam a consciência da exploração do trabalho dentro do circuito produtivo da cadeia de reciclagem. O argumento dos trabalhadores sempre vem fortemente carregado das possibilidades de ganho, de não ter um patrão, poder fazer o próprio horário e das vantagens de ser vinculado a uma Associação de Catadores, como narrou o Catador R.O: “Tá bom assim mesmo porque com carteira assinada a pessoa fica mandando e a gente mesmo faz o horário da gente”. Com os mesmos sentidos, surgiram outras narrativas:

É uma coisa que eu gosto. Eu trabalhava de pedreiro também mas a atividade de pedreiro ficou ruim. Neste trabalho eu vou a hora que eu quero, se eu não quiser produzir mais eu saio mais cedo (Catador J.O).

Me associei por causa da vantagem do trabalho, por causa que a gente não fica sem dinheiro, dá pra tirar o da comida, até do aluguel da pra tirar, eu moro alugado. É por isso que eu resolvi me associar á Associação (Catador R.O).

Outro aspecto observado é o envolvimento da família na atividade da catação, de maneira indireta ou direta. “Minha mulher não trabalha como catadora, mas ela vai arrumando em casa o material, me dá apoio” (Catador J.O). Chama à atenção a troca do emprego formal em uma fábrica no Distrito Industrial pela atividade informal e familiar onde o tempo é regulado por eles com autonomia para organizar o próprio processo de trabalho.

[...] Depois o P.E, meu marido, saiu do Distrito para dar também um suporte começando trabalhar com o papelão. Ficou nós quatro (pai, mãe, marido e a catadora), fazíamos os fardos, vendíamos e embarcávamos todo esse processo (Liderança Maria).

Mamãe fazia o pão e ficava no comércio, eu e V.A íamos coletar, depois ela começou a ir com a gente para as reuniões da organização, aí começaram a ficar mais juntos pra fazer essa coleta. Depois o papelão começou a dar mais que o pão (Liderança Maria).

Eu sempre orientei meus filhos: isso aqui é o ramo de vida que eu tenho para o sustento. Eu já cheguei ao pontode reservar alguma coisa com esse trabalho e quando eles precisavam eu dizia que era dinheiro da catação. Nunca me falaram que tinham vergonha. Já ouvi dizer: Tenho até orgulho do meu pai ser dessa idade e ser um cara disposto pra trabalhar e não ter vergonha de trabalhar (Catador J.O).

Desempregado e inicialmente com o sentimento de vergonha, o catador R.O saía para a catação com o cunhado e não revelava inicialmente a origem do dinheiro. No processo de aceitação da identidade, ganhou o apoio do trabalho pela esposa e o “café da manhã”. “Ela (esposa) não sabia da renda que eu pegava, o dinheiro que eu pegava, depois ela foi sabendo e até me ajuda de manhã cedo, já tomo o café para sair”. Os vínculos sociais viram vínculos de trabalho, ou seja, atuam na Associação sujeitos que já mantinham relação de amizade ou vizinhança com a liderança da organização, caracterizando relações de confiança, como a Catadora R.O: “Eu conheço a Maria há muito tempo, nós somos vizinhas, aí eu disse assim, não tem algo lá na Associação sobre artesanato”?

Questionados sobre as condições de trabalho, os catadores e catadoras não expressaram reclamações quanto às dificuldades de trabalho. No contexto da Associação, dois catadores fazem o recolhimento dos resíduos em uma Kombi, um

outro catador em um triciclo e os demais passam os dias caminhando nas ruas empurrando carrinhos com cerca de 100 kg, em uma temperatura bastante hostil devido ao clima quente e úmido da cidade como é o caso do Catador R.O que relata: “Quanto a andar no sol quente, dá uma descansadinha por ali e depois vai embora andando. No primeiro dia fiquei dolorido, depois vai acostumando, a gente perde aquela moleza”. Questionado sobre as condições de trabalho nos meses do chuvoso inverno amazônico, o catador J.O argumenta:

A renda sempre cai na época da chuva porque muitas vezes molha o papelão, né? E o papelão ela (liderança) não quer molhado. Mas eu ando com lona, tenho duas lonas grandes, vejo onde não tem muito movimento, ato a lona lá e quando chove coloco o papelão embaixo. Quando eu vejo que vai querer chover eu antecipo minha viagem logo cedo, vou logo antes catar o que tem e coloco debaixo da lona (Catador J.O).

Outras premissas da organização política são as ideias de pertencimento e de autogestão. A autogestão é definida como a prática econômica em que os trabalhadores são os donos das ferramentas e equipamentos de produção além de pressupor um modo de organizar o trabalho “sem patrões”, tendo a decisão, o planejamento e a execução sob controle dos próprios trabalhadores³²(p. 6). Para isso, as Associações promovem encontros formativos que buscam “empoderar” os trabalhadores acerca dos conceitos, princípios, legislações e modos de operação da associação que conta com apoiadores técnicos que contribuem com a retirada de catadores e catadoras dos lixões, a sensibilização e organização política destes sujeitos.

Sobre esta participação, observamos que o coletivo de catadores (as) tem dificuldade de compreensão das exposições técnicas feitas pelos apoiadores do movimento. Não somente as narrativas nos levaram a esta conclusão, sobretudo, os silêncios e expressões durante as exposições, a comunicação corporal, o preocupado olhar para o relógio. Como pensou Deleuze⁴⁷, “É preciso pegar as coisas para extrair delas as visibilidades... É necessário rachar as palavras ou as frases para delas extrair os enunciados”⁴⁷(p. 70). Complementando as ideias do autor, é preciso a atenção à espreita, concentrada e aberta para extrair expressões dos corpos que falam.

Participo das reuniões na associação. (sorriu...) Até o presente momento são boas, né? Porque tem várias explicações que, por exemplo, eu não

entendo muito. Lá falam sobre o trabalho, passa num painelzinho assim certas coisas que a gente pode tirar algum proveito pra gente, de onde elas (lideranças) vem até chegar aqui. E aí passa aquela história dos atravessadores coisa e tal (Catador J.O).

Para além do desafio cognitivo de compreenderem os mecanismos que operam e conformam a organização em que estão inseridos, o que dificulta a autogestão e as tomadas de decisão do grupo, os catadores (as) não demonstram consciência coletiva e sentimento de pertencimento necessários para o fortalecimento do grupo, a exemplo da fala do catador A.L sobre os treinamentos e processos formativos: “Só vejo importância para o currículo, eu acho”. Os treinamentos e capacitações para a melhoria dos processos internos de trabalho são interpretados como oportunidade de crescimento individual e viabilização de outra atividade laboral.

Identificamos outro desafio para a organização dos catadores, fazer com que, dentro da lógica e necessidade contínua de produção, do imediatismo, consequência da necessidade de obtenção de renda, os participantes dediquem parte de seu tempo às assembleias, reuniões e processos formativos. O tempo de parar se apresenta como obstáculo para a participação da força de trabalho que já faz parte do processo produtivo e também à adesão de novos associados.

O tempo dos catadores e catadoras é outro porque precisam estar atentos ao descarte, a abertura e fechamento do comércio, aos horários de trocas de turno, ou seja, falamos do tempo dos intervalos e das sobras do trabalho do outro. Remetemo-nos aqui as ideias de Merhy⁴⁸ quando falamos de um “trabalho vivo”, o do catador ou catadora, que se beneficia de um “trabalho morto”, transformado em “resíduo sólido”. Chamamos de trabalho morto a todos aqueles produtos – meios que nele estão envolvidos – ou como ferramentas ou como matéria-prima, que são resultados de um trabalho humano anterior⁴⁸.

Os momentos em que os trabalhadores participam de eventos, reuniões, assembleias e formações são retirados da produção diária e este tempo dedicado a atividades de participação e formação política impactam na produção do trabalho. Não se trata de uma questão meramente capitalista, compreendemos como questão de sobrevivência, de subsistência e de vida destes (as) catadores (as). No entanto, conforme o Relatório do IPEA⁴⁹ aqueles que conseguem superar essas dificuldades

iniciais com os “custos do aprendizado” durante a formação do empreendimento tendem a obter uma inserção mais vantajosa na cadeia de valor da reciclagem. Pensando na perspectiva da lógica solidária que norteia a organização dos (as) catadores (as), a Associação também não consegue oferecer apoio nestes momentos de necessária parada para atividades formativas porque também se pauta na produção e tem dificuldades de autossustentação.

A gente tem dificuldade de autossustentação pra se manter sim, por exemplo, se fosse pra pagar o aluguel a gente não teria recurso pra pagar, pra pagar energia também não teria condições. Está tudo incluído no aluguel e se a Prefeitura parar de pagar a gente não vai pagar, a gente vai ter que procurar um outro espaço. Na hora em que o Prefeito determinar, a gente sai (Liderança Maria).

Outro desafio que faz parte da luta dos catadores são os atravessadores que compram o material para revender às indústrias de reciclagem, contribuindo com a exclusão e exploração destes trabalhadores.

Tem atravessador que sempre chega com a gente. Já chegou vários comigo para querer comprar o papelão. Ai eu digo que vendo para uma cooperativa e eu sou um camarada dos tempos da historia da responsabilidade. Se eu assumi um compromisso com a pessoa eu assumi um compromisso. Mas se você faltar comigo aí já é outro problema. Chegou gente me oferecendo até 0,27 centavos vindo buscar. Sou meio desconfiado, gato escaldado tem medo da água fria então eu não gosto de fazer negocio no escuro não. Eu tenho o meu compromisso ali na cooperativa, no dia em que eu não quiser mais trabalhar pra cooperativa eu chego lá e vou dizer. Antes eu não trabalhava em cooperativa, eu trabalhava só quem chegasse lá com dinheiro pra me pagar eu vendia. Eu não ia nessa de vou levar teu material para vender e depois eu volto. Não. Assim nós não faz negócio não. Eu vivo disso (Catador J.O).

Para Viana⁵⁰ a existência dos atravessadores pode ser explicada por dois fatores principais: primeiro, pela "dificuldade de locomoção" dos catadores de lixo para entregar o material nas indústrias de reciclagem e, segundo, pelas vantagens que esse sistema oferece às indústrias. A organização dos catadores por meio das cooperativas/associações elimina a presença dos atravessadores uma vez que conseguem armazenar o material em grandes quantidades e conseguem-se preços melhores na venda. Além dos atravessadores, outros atores tem se apresentado como obstáculo no trabalho da catação. Alguns comerciantes e funcionários das

lojas onde os catadores e catadoras recolhem os papelões e plásticos perceberam que os materiais geram renda e desviam os resíduos para venda.

[...] os próprios donos do comércio criaram a visão de que aquilo gerava renda pra eles também, então a maioria das lojas não está destinando mais para o catador. Isso é outra pauta que eu vou ter que ir lá com o Secretário pra rever. Para eles antes era lixo, depois que a gente fez o trabalho de sensibilização e falou para onde ia ser a destinação e gerar renda para os catadores, eles viram que tem dinheiro. 'Não vai para o lixo? A gente vai vender e ficar com o dinheiro'. Separam dentro da loja. Junta um volume e vende. Eles vendem para os empresários. Para a semana, vou tentar intervir essa questão junto com o gerente de uma das lojas. Porque aí cai a nossa renda, cai o volume de plástico. A gente fica com o mercado escasso (Liderança Maria).

No percurso cartográfico nos chamou a atenção o protagonismo feminino na liderança da associação. Estimativas do MCNR indicam o número de 800 mil trabalhadores em atividade hoje no Brasil, dentre os quais 70% são mulheres (MNCR)³⁰. Na Nova Recicla identificamos seis catadoras, sendo duas que trabalham nas ruas, três que atuam no artesanato e executam a catação quando necessário e a catadora Maria, que trabalha na rota da Kombi e é a liderança da Associação. Na Associação, a exclusão do mercado de trabalho e a necessidade de obtenção de renda são as principais motivações destas mulheres que encontraram na catação oportunidade de trabalho e sobrevivência, como explica a Catadora J.A: "Iniciei na catação há dois anos para dar uma ajuda ao meu marido e ter mais um dinheirinho a mais". A catadora justifica a necessidade de trabalhar na catação pela baixa escolaridade e exclusão do mercado de trabalho: "Enquanto não tenho outro trabalho, estou catando plástico. Mas eu gostaria de ter outro trabalho. Não tenho estudo completo, queria um emprego de serviços gerais". A artesã R.O explica os motivos que a levaram a se tornar associada:

Eu tomava conta de uma escola particular, era diretora. A dona me entregou a escola, passei seis anos lá, aí foi quando engravidei dessa minha filha e não tinha tempo pra nada, nem fazer uma consulta e devido a muito acúmulo e preocupação eu fiquei hipertensa. Tive eclampsia, tive ela de sete meses e devido a depressão pós-parto o médico pediu que eu fizesse algo que me tirasse mais atenção, fui pro artesanato já dentro da escola. Eu gostei e comecei a me envolver com artesanato. Eu conheço a Maria há muito tempo, nós somos vizinhas, eu perguntei se não tinha nada na Associação sobre artesanato. Ela me encaixou na economia solidária, Aí eu comecei no Fórum Municipal de Economia Solidária, eu já fui escolhida como uma das representantes do artesanato aqui no Amazonas e comecei a me envolver. Hoje sou a vice dela aqui (Artesã R.O).

As mulheres são frequentemente as primeiras atrizes das práticas da economia solidária; mas o que é mais importante que isso é que essas experimentações, sob a condição de que sejam reconhecidas por seu justo valor, oferecem uma oportunidade inédita para avançar na luta contra as desigualdades entre os sexos⁵¹. A autora afirma que as mulheres são as primeiras a se mobilizar e se auto-organizar quando enfrentam necessidades, o desemprego, a necessidade de prover os filhos e a família. Esta realidade movimentou Maria e sua família que, a partir das necessidades de sobrevivência foi protagonista da construção da identidade de catadora e da liderança da Nova Recicla. A Associação é de origem familiar e a história de vida de Maria se confunde com a construção da organização solidária.

Eu com 14 anos fui trabalhar de vendedora no Centro um tempinho, depois fui trabalhar em casa de família, depois fui morar com minha tia e trabalhar na padaria dela de caixa. Daí voltei pra casa e retornei a trabalhar em casa de família. Terminei o meu segundo grau, aí o marido era péssimo e me separei. Montamos a panificadora eu e meus pais e trabalhamos 10 anos. Neste tempo vivemos momentos difíceis, eu e meu pai começamos a juntar papel e acabamos fechando nossa padaria. Aí o papelão começou a dar mais que o pão e ficamos na reciclagem (Liderança Maria).

Hirata e Kergoat⁵² consideram que a sociedade constrói um imaginário social coletivo do que é “trabalho de homem” (no espaço público e no trabalho privado) e o que é “trabalho de mulher” (leves, domésticos, no espaço privado). Esta divisão que orienta o contexto social tem sido subvertida a partir da força e luta das mulheres. Martins⁵³ observa em relação a organização do trabalho nos galpões, algumas questões quanto à divisão e ao rodízio de tarefas, com caracterização de trabalho diferenciado para homens e para mulheres. O que foi confirmada pelas observações do processo de trabalho na Associação.

Os catadores concentram-se no trabalho nas ruas, empurrando os pesados carrinhos e atuam nos equipamentos pesados no galpão, a exemplo da prensa. As catadoras trabalham na organização administrativa e operacional, no artesanato, na catação por meio da Kombi e de uma catadora que atua na rua dando apoio a um catador. Assim, podemos afirmar que existe a divisão sexual do trabalho dentro do galpão. No entanto, a partir do exemplo da própria catadora e liderança Maria, verificamos que os papéis e funções muitas vezes se alternam conforme a necessidade do trabalho: “Se tiver que rolar fardo, a gente vai rolar também, se tiver

que empurrar bag e se for pra carregar papelão a gente vai, todo mundo faz o mesmo trabalho”. Questionado sobre o trabalho das mulheres na catação, o Catador R.O justifica: “Empurrar o carrinho? Tem mulher que é guerreira e faz, mulher que trabalha mesmo faz isso. Já vi várias mulheres”.

A Nova Recicla conta com a liderança da catadora Maria e acompanhá-la permitiu observar o lugar da mulher no movimento social. Maria se destaca enquanto líder e todos demonstram respeito e reconhecimento pelo papel que ocupa.

Em toda minha existência dentro da empresa que trabalhei a liderança que eu sempre gostei foi mais da liderança mulher. Porque a mulher trabalha mais, desenvolve melhor, mulher faz três, quatro coisas e o homem não. Mulher desenvolve mais rápido, com jogo de cintura e o homem não é assim não, digo por experiência mesmo (Catador J.O)

É diferente, essa coisa a gente já tem que ter em mente, temos que reconhecer que não existe essa diferença porque é mulher ela é inferior, eu não posso dizer isso a ela em hipótese alguma, a gente tem que ter esse cuidado de não se sobrepor, de não dizer porque eu estudei mais que a Maria, eu vou mostrar pra ela quem sou eu, não de forma alguma, aqui minha função é uma e eu tenho que reconhecer isso, a liderança é dela (Apoiador Técnico M.A).

Quando Maria precisa de algo, tem um evento em tal canto, precisa de alguém, lá como teve nas olimpíadas, eu passei seis a oito dias lá dentro da Arena da Amazônia e nós trabalhamos como catadoras lá mesmo. Aí, quando nós vamos para os eventos, a Maria que nos leva e nos traz. Ela é a mãezona de todas aqui (Artesã R.O).

Maria é a personagem principal que movimenta o funcionamento do processo de trabalho no galpão e é a partir dela que se dão as articulações e redes de apoio e solidariedade que contribuem com a manutenção da Associação por meio de projetos e incentivos.

Tem a Kombi, onde trabalham V.A e L.U em alguns pontos fixos que a gente conseguiu fidelizar. Um deles é as lojas do Salmo 91. Hoje a gente coleta em 3 diariamente. As outras são com outro grupo que a gente passou pra fazer a coleta. Tem os hospitais que a gente conseguiu fidelizar através das duas Leis de resíduos sólidos e a outra de 2015 do Deputado Luiz Castro. Ele é um parceiro, a Comissão de Meio Ambiente da Assembleia Legislativa. Sempre que a gente precisa a gente dá um suporte pra ele e ele dá um suporte pra gente. Aí a gente coleta na Fundação CECON, no Hospital de Medicina Tropical. A gente conseguiu agora fechar com o Hospital 28 de agosto. Coleta na Maternidade Ana Braga, Hospital João Lúcio e Dr. Platão Araújo. Nos hospitais só papelão que eles disponibilizam. Lá eles tem toda separação. A gente conseguiu organizar bem bacana com eles. Eles coletam também no Big amigão. [...] Quem também nos apoia é o Tribunal de Contas, o Dr. Ruy Marcelo, ele está somando junto com a gente porque nós fizemos algumas denúncias (Liderança Maria).

Os equipamentos do Galpão, tais como: prensa, empilhadeira, triturador, balança, triciclo foram conseguidos a partir da participação da Associação em editais de Projetos orientados pela apoiadora técnica MA.

O caminhão é da rede, foi um projeto de 2013 do Banco do Brasil, na época a gente ainda não tinha a rede formalizada. Foi feito tudo no CNPJ da Cooperativa X mas o grupo deu a carta de anuência de adesão para fazer parte da rede da Recicla Amazonas, ele é compartilhado (Liderança Maria).

Às vezes a gente bate muito nas reuniões e a gente que fica taxada, se a gente não tivesse esse elevador de carga pelo projeto a gente tava era ferrada, material todinho aqui no galpão (Liderança Maria)

Desta forma, observamos o protagonismo feminino nesta iniciativa solidária que desconstrói a lógica dominante da supremacia masculina nos espaços de trabalho e da desigualdade entre os sexos. Uma tendência nos empreendimentos de Economia Solidária como afirma Oliveira⁵⁴ na medida em que os princípios da democracia, solidariedade e cooperação contribuem para o debate e elaboração de estratégias de mudança. “As mulheres tem na Economia Solidária mais um caminho para tornarem-se sujeitos políticos, pessoas empoderadas que a partir de suas especificidades interferem nas decisões, constroem o presente e o futuro” Oliveira⁵⁴ (p. 48).

Catação e Saúde:

“Quando não se consegue atendimento é esperar a doença melhorar”.

Esta categoria de trabalhadores (as), seja dos lixões, das ruas ou dos galpões, pela própria natureza da atividade, são diariamente expostos a riscos de adoecimento por diversos fatores, sejam climáticos, químicos, biológicos ou físicos. As relações entre esta atividade laboral e os riscos à saúde são estreitas e já identificadas por algumas pesquisas (Collins & Kenedy⁵⁵; Anjos et al⁵⁶; Velloso et al¹²; An et al⁵⁷; Ferreira et al⁵⁸; Porto et al⁷; Cavalcante e Franco⁵⁹; Galon⁶⁰).

Durante o estudo, caminhamos com estes (as) trabalhadores (as) buscando compreender se o componente político e a organização do trabalho por meio do associativismo podem contribuir com melhores condições de saúde dos catadores e catadoras. Questionada sobre o conceito de saúde, a catadora J.A define que “Saúde é ver meus filhos alegres e brincando. E, para mim, é levantar de manhã e ir

embora trabalhar”. Porto et al⁷ ressaltam que os catadores percebem o lixo como fonte de sobrevivência, a saúde como capacidade para o trabalho e, portanto, tendem a negar a relação direta entre o trabalho e problemas de saúde.

Os catadores pesquisados confirmam os estudos e a experiência dos serviços acerca dos homens dedicarem-se pouco ao seu cuidado. “Meu marido não vai ao posto de saúde. Bem difícil, difícil mesmo (rindo)” Catadora J.A. Apesar da maior vulnerabilidade e das altas taxas de morbimortalidade, os homens não buscam, como as mulheres, os serviços de Atenção Básica o que leva a sobrecarga financeira da sociedade, como também ao sofrimento físico e emocional do paciente e de sua família, menor adesão a tratamentos crônicos e as ações de prevenção e promoção de saúde (BRASIL, 2009)⁶¹.

Tem muita gente que fala, quantos anos tu tem? Rapaz nem parece porque tem gente que é muito mais mole do que tu. Vou fazer 67 anos. É uma coisa que é muito difícil eu adoecer. Só essa virose que me deu uma moleza, mas não deu pra me parar não. Eu fiz um xarope de andiroba com copaíba e eu tomava ele (Catador J.O).

[...] é a coisa mais difícil eu ir num posto médico né? Se eu adoecer ou eu vou pro médico ou faço o meu remédio. Primeiro eu procuro um remédio caseiro e talvez fosse pro médico se eu visse que não desse jeito com este remédio porque essa virose que peguei eu tratei ela com andiroba e copaíba com um pouco de pingo de limão (Catador J.O).

O meu marido tem diabetes e quando entre em crise vai no Hospital Dr. Platão. Na casinha ele tem o controle, mas ele também não tem tempo nem paciência. Ele mesmo já decidiu isso, eu tento reverter mas também já abri de mão, se não a gente briga (Catadora Maria).

Para Figueiredo⁶² as justificativas para a pouca presença masculina nos serviços da atenção básica à saúde vão da própria característica da identidade masculina associada à desvalorização do autocuidado, a consideração da Unidade Básica de Saúde (UBS) ser um espaço feminilizado, composto por uma equipe de profissionais formada, em sua maioria por mulheres até a estrutura e funcionamento dos serviços de saúde. No entanto, olhando para a singularidade da atividade e vida dos catadores, percebemos que a questão tempo do trabalho é mais forte e relevante na justificativa para não ir aos serviços de saúde.

Observamos que antes de buscarmos o cuidado no serviço formal de saúde, a primeira estratégia é recorrer aos conhecimentos tradicionais, práticas populares de

cuidado e aos remédios caseiros. Estes saberes são compartilhados pelas redes das pessoas, podendo ser familiares, vizinhos ou conhecidos. Destacamos que os catadores e catadoras que afirmam a utilização das plantas e chás passaram infância e adolescência em municípios do interior da Amazônia. Estes saberes são transmitidos oralmente, de pessoa a pessoa e vem carregado das representações culturais destas famílias.

[...] Desde o interior a gente aprende, costume antigo, eu faço isso. (meio desconcertado). Quando a gente vivia no mato era muito difícil posto de saúde. A copaíba era cheirosa, ela não recendia aquela coisa do óleo, é cheirosa, cheirosa, você mela a cabeça, o corpo todo, você bebe e não sente nem aquele gosto. Toma a colherada. Mas se tomar muito ela limpa os intestino, dá uma diarreia que é uma coisa medonha. Eu passei 40 anos no interior, são costumes. Minha vida era dentro do mato mesmo (Catador J.O).

Quando estou gripada tomo xarope daquela planta que a gente faz aqui, hortelã grande, coirama. Faço xarope com mel, andiroba. Minha mãe me ensinou. Antes de ir para o médico dou o xarope (Catadora J.A).

Quanto a minha esposa, é difícil ela ir no posto, só se for uma gripe mesmo mas a gente faz um remédio caseiro e controla ela (Catador J.O).

O componente das raízes culturais se apresenta de maneira importante no cuidado à saúde, porém, percebemos que a busca por outras produções de saúde são alternativas utilizadas pelos sujeitos também diante das dificuldades de atendimento na rede formal de saúde.

Aqui não tem equipe de saúde da família. Tinha antes mas sumiram (tom de voz mudou). Sumiram mesmo. Só se for no Posto mesmo porque a gente vai naquela casinha dali, naquela outra dali, eles só falam que a gente é fora de área, pronto. Aí tem que ir direto na UBS. E essas casinhas são bem perto. A gente chega lá pra marcar uma consulta, perguntam a rua e diz que a gente é fora de área (Catadora J.A).

Tem uma casinha mas é ruim de conseguir consulta porque eles querem atender só um filho e como tenho dois, às vezes eu consulto eles mais na UBS. [...] porque eles não podem atender dois por família, querem atender um em um mês e o outro no outro mês, aí é um pouco complicado pra mim, né, por causa da rotina e do trabalho (Catadora Maria).

Quando não consegue atendimento? Esperar a doença melhorar. Se a doença piorar, a gente toma um remédio e aí melhora (Catadora J.A).

Segundo Franco e Merhy⁶³, o acesso por meio do acolhimento se dá com base nos princípios que norteiam o atendimento a todos os usuários que procuram os serviços de saúde, garantindo a acessibilidade universal. Neste sentido, as

catadoras externaram dificuldades de acesso, tanto pela questão da cobertura da Estratégia Saúde da Família (ESF)⁶⁴ no território onde mora a catadora J.A quanto pela rigidez dos protocolos estabelecidos no processo de trabalho da unidade de saúde que dificultam o acesso e o cuidado a saúde da família de Maria que, para serem atendidos, comprometem sua produtividade no trabalho e renda.

O modelo assistencial de saúde hegemônico centrado no médico e remédios ainda demonstra sua força quando a catadora J.A resume a melhora do atendimento a maior quantidade de médicos em detrimento às demais ações da equipe da unidade de saúde: “Para ter um atendimento melhor no posto? Mais médico e um atendimento melhor”. Constata-se que há uma relação direta entre o modo de produção do cuidado e a construção de significados feita pelo usuário acerca do serviço de saúde. Portanto, a demanda se forma a partir da percepção do usuário e os sentidos que vê nas práticas assistenciais, como explicam Franco e Merhy⁶³.

Sobre os cuidados das catadoras relativos à saúde da mulher, levantamos que as catadoras não têm realizado os exames de prevenção ao câncer de colo de útero ou de mama: “Não tenho feito preventivo. Já tá com uns três anos. Por que não tenho feito? Falta de interesse meu ainda nesse caso aí” (Catadora J.A). Chama à atenção a fala da Catadora J.A sobre sua “falta de interesse”, verificamos a necessidade de analisar os relatos de morar perto de duas unidades da ESF⁶⁴ e estar “fora da área de cobertura” e as dificuldades de atendimento no “Posto” como esta evidenciou em suas narrativas. Maria também relata que não tem buscado os serviços de saúde para os exames preventivos:

Não tenho feito, até já até me cadastrei pra ir fazer, mas não sei se vou. Preciso até botar na minha agenda pra ver se faço, já faz muitos anos que eu não faço nenhum por causa da rotina. Quem está me insistindo pra fazer é a M.A (apoiadora técnica da Associação). Estou com a intenção de ir fazer esse ano (Catadora Maria).

Seja por vergonha, medo, desinteresse, falta de tempo, estas mulheres reforçam os números preocupantes no município de Manaus quanto aos riscos de adoecimento pela falta da realização do exame preventivo. Segundo a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher⁶⁵ a atenção integral à saúde compreende o atendimento à mulher a partir de uma percepção ampliada de seu contexto de vida. Nesta lógica, observamos que, a percepção ampliada que deveria

nortear as ações das equipes de saúde, não se dá diante da realidade e necessidades deste grupo social.

A liderança Maria revelou que a porta de entrada, diante nos processos de adoecimento, se dá pelo hospital que fica nas proximidades de sua casa. Embora reconheça a necessidade do cuidado à saúde, coloca a produção de saúde secundariamente devido à preocupação em não parar a atividade de trabalho, que compromete a renda e produção dela e da Associação. Portanto, a prioridade é a geração de renda que garante a sobrevivência. Compreendemos que não se trata de um descaso voluntário com a saúde, somente mais uma consequência da exclusão gerada pela inserção informal no mercado de trabalho.

Eu tenho problema de vesícula e ainda não consegui parar para me cuidar e fazer uma cirurgia, já tem oito anos que eu venho com este problema. Dou uma prioridade melhor para meus filhos na casinha. Eu e o marido, a gente utiliza mais o Hospital Dr. Platão Araújo que é mais próximo do que a unidade básica (Catadora Maria).

[...] estamos nesse impasse do projeto, aí o pessoal me critica, né, que eu tenho que cuidar um pouco da minha saúde, mas eu tenho medo de operar e ficar parada e quem vai tocar o barco? (Catadora Maria).

Cabe aqui dizer que a pesquisadora não ficou “neutra” diante do fato de que as mulheres não estavam fazendo o preventivo. Assim, durante as entrevistas, as catadoras foram esclarecidas da importância do cuidado em saúde e recomendadas pela pesquisadora a priorizar os exames preventivos. Na fase final do estudo, a liderança Maria informou que buscou o serviço de saúde para a realização dos exames.

O movimento dos catadores e catadoras também não tem discutido nas reuniões do coletivo as questões relativas à saúde dos trabalhadores e segurança no trabalho.

Hoje estamos deficientes nessa situação. Às vezes quando adoecer um catador a gente libera pra se cuidar, vai pra casa, dá a medicação, tudinho, mas não tem plano de saúde, não tem hospital fixo, o que a gente ainda consegue é com a Fundação Cecon e o Hospital Tropical para uma urgência. A gente já conseguiu pra dois, três catadores fazerem um tratamento, fazer um checkup geral (Catadora Maria).

Sobre a proteção dos catadores e catadoras no processo de trabalho, a administração pública não disponibiliza equipamentos de proteção ainda que executem um serviço de grande importância para a limpeza pública da cidade.

Diante deste fato, observamos a dependência da organização social de apoios por meio dos projetos para a obtenção dos equipamentos de proteção individual (EPIs) – botas, luvas, óculos, bonés, etc, como explica Maria: “Ainda não temos, a gente está esperando chegar pelo projeto da ABHIPEC”. Outro desafio a ser considerado pela Associação é a utilização dos equipamentos de proteção quando estes estiverem disponíveis como refletiu a própria liderança, Maria: “Não sei se os catadores vão querer usar”. Esta é uma demanda que abre espaço para mais conexões na rede da Associação que envolve a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e Trabalhadora. Os Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) e apoio do Ministério do Trabalho por meio de técnicos ligados à Segurança e Saúde no Trabalho que possam contribuir com o coletivo de catadores com conteúdos informativos e sensibilização sobre estas temáticas.

Intensidades Finais

O exercício cartográfico que nos inseriu nas redes vivas dos catadores e catadoras nos permitiu partilhar dos processos de trabalho e vida destes sujeitos, compreender que a organização política e de trabalho destes (as) trabalhadores (as) se apresenta como alternativa relevante por apresentar melhores condições de trabalho, oportunidade de inclusão social e obtenção de renda. Ainda que excluídos do mercado formal de trabalho, executando um trabalho desprovido de qualquer garantia trabalhista, direitos e proteção social, os (as) catadores (as) sentem-se seguros enquanto associados.

A organização social também contribui com a melhora da autoimagem dos catadores que rejeitam a identidade de lixeiros e constroem sua identidade política por meio da associação. Partilhamos das ideias de Migueles⁶⁶ (p.14), que defende que para que a sociedade perceba o catador como outro trabalhador qualquer é preciso associar o trabalho de catação a significados positivos já que o trabalho com o lixo interfere tanto na identificação do catador com o seu trabalho como no reconhecimento da sociedade pelo trabalho desempenhado pelo catador.

Atuar fora dos lixões e das triagens nas esteiras, com materiais mais “limpos” os tiram da exposição a agentes químicos, biológicos e físicos de maneira mais direta o que pode contribuir com uma melhor qualidade na saúde. A Nova Recicla

tem construído uma rede de relações que tem fortalecido o movimento dos catadores. No entanto, observamos fragilidades na vinculação à rede básica de saúde do território a partir das dificuldades de acesso, de acolhimento e das singularidades que o próprio nomadismo, tempo de produção e processo de trabalho exige. Como a saúde pode olhar para este grupo social invisibilizado, compreendendo as suas lógicas de trabalho, de tempo, de vida e pensar estratégias para também fazer parte das suas redes vivas promovendo o cuidado destes sujeitos? De outro ângulo, como os serviços de saúde podem em seus territórios, ser indutores de redes capazes de produzir conexões com pessoas, comunidades, grupos sociais, instituições de modo a potencializar a produção do cuidado?

O exercício metodológico utilizado neste estudo, da cartografia, se apresenta como caminho possível. Apropriar-se e multiplicar exercícios cartográficos para diferentes espaços, considerando a grande quantidade de produção de sentidos e de significados que os compõem permitirá conexões com as redes vivas dos territórios. Portanto, o desafio das políticas de saúde é olhar para seus territórios, cartografá-los e, a partir deste mapeamento, encontrar potência nos grupos e atores destas redes, conectando-se aos fluxos destas redes, produzindo cuidado, saúde e vida.

O convívio com Maria e o coletivo de catadores (as) muito nos ensinou sobre a resignificação do trabalho, a luta pela dignidade e a importância da construção de redes vivas para o fortalecimento do movimento e dos próprios processos de trabalho e vida. Redes tecidas com várias tramas de linhas, de várias espessuras, resistência e cores. Redes de solidariedade, apoio, justiça, responsabilidade, engajamento e compromisso com a vida em todas as suas dimensões. Por fim, podemos dizer que passamos a ser parte desta rede.

Referências

- 1 Jacobi P, Besen G. Gestão de resíduos sólidos em São Paulo: desafios da sustentabilidade. [S.l]: [S.ed.]; 2011.
- 2 Siqueira M, Moraes MS. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. Ciênc. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, vol.14, n.6, Dez. 2009.
- 3 Arantes B, Borges L. Catadores de materiais recicláveis: cadeia produtiva e precariedade. Arq. Bras. Psicol., Rio de Janeiro, vol.65, n.3, 2013.
- 4 Silva N, Leão A, Esperancini M. Perfil da renda e do volume dos resíduos sólidos urbanos da associação de catadores de São Manuel-SP. Energ. Agric., Botucatu. 2013 jan-mar; 28(1):40-46.
- 5 Aquino I, Castillo Junior A, Pires T. A organização em rede dos catadores de materiais recicláveis na cadeia produtiva reversa pós-consumo da região da grande Florianópolis: uma alternativa de agregação de valor. Gest. Prod. São Carlos. 2009 jan-mar; 16(1): 15-24.
- 6 Gouveia N. Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social. Ciência & Saúde Coletiva. [S.l.]: 2012; 17(6): 1503-1510.
- 7 Porto M, Juncá D, Gonçalves R, Filhote MI. Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro: 2004 nov-dez; 20(6):1503-1514.
- 8 Stolz P. A compreensão dos separadores de resíduos sólidos em relação ao seu trabalho, saúde e ambiente. Rio Grande (RS). Dissertação [Mestrado em Educação Ambiental] - Universidade Federal do Rio Grande; 2008.
- 9 Arantes BO. Condições de trabalho e saúde psíquica dos catadores de materiais recicláveis de uma cooperativa de segundo grau da região metropolitana de Belo Horizonte. Belo Horizonte (MG). Tese [doutorado], Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais; 2015.
- 10 Bosi AP. A Organização Capitalista do Trabalho Informal: o caso dos catadores de recicláveis. Revista Brasileira de Ciências Sociais: 2008 jun; 23(67).

- 11 Almeida LP de et al. Levantamento soroepidemiológico de leptospirose em trabalhadores do serviço de saneamento ambiental em localidade urbana da região Sul do Brasil. *Rev Saúde Pública*.1994; 28:76-81.
- 12 Velloso MP, Santos EM, Anjos LA. Processo de trabalho e acidentes de trabalho em coletores de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro. Brasil. *Cad. Saúde Pública*.1997;13:693-700.
- 13 Lazzari M, Reis C. Os coletores de lixo urbano no município de Dourados (MS) e sua percepção sobre os riscos biológicos em seu processo de trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2011; 16(8): 3437-3442.
- 14 Santos G, Silva LF. Estreitando nós entre o lixo e a saúde – estudo de caso de garis e catadores da cidade de Fortaleza, Ceará. *REDE – Revista Eletrônica do Prodepa*, Fortaleza. 2009 jun; 3(1): 83-102.
- 15 Pereira MC, Teixeira MA. A inclusão de catadores em programas de coleta seletiva: da agenda local à nacional. *Cad. EBAPE.BR*. Rio de Janeiro.2011 set; 9(3): artigo 10.
- 16 Severi F. Os catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis na Política Nacional de Resíduos Sólidos. *Revista Direito e Práxis*. [S.l.]: 2014; 5(8): 152-171.
- 17 Silva F, Ribeiro P. O governo dos corpos femininos entre as catadoras de lixo: (re)pensando algumas implicações da Educação em Saúde. *Rev. Estud. Fem. Florianópolis (SC)*: 2008 mai - ago; 16(2).
- 18 Coelho A, Beck C, Fernandes M, Prestes F, Siva R. Risco de adoecimento relacionado ao trabalho e estratégias defensivas de mulheres catadoras de materiais recicláveis. *Esc. Anna Nery*. Rio de Janeiro: 2016; 20(3).
- 19 Deleuze G, Guatarri F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34ª ed. vol.1; 1995.p.21.
- 20 Kastrup V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicol. Soc.*, 2007 jan-abr; 19(1):15-22.
- 21 Alvarez J, Passos E. Cartografar é habitar um território existencial. In: Passos E, Kastrup V, Escóssia L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina; 2015. p. 131-149.

22 Passos E, Barros R. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Passos E, Kastrup V, Escóssia L da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina; 2015.p.27.

23 Kastrup V. *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. In: Passos E, Kastrup V, Escóssia L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina; 2015. p. 60-149.

24 Schmitt JC. A história dos marginais. In J. Le Goff. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes; 1990.p. 261-290.

25 Sant'ana D, Metello D. *Reciclagem e Inclusão Social no Brasil: Balanço e Desafios*. Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional. Rio de Janeiro: Ipea; 2016.

26 MOVIMENTO NACIONAL DA POPULAÇÃO DE RUA. Princípios. [acesso em 10 jul 2017]; Disponível em: <http://www.falarua.org>.

27 Leal AC et al. A reinserção do lixo na sociedade do capital: uma contribuição ao entendimento do trabalho na catação e na reciclagem. [S.l.]: Terra Livre. 2015; 2(19).

28 Magalhães BJ. *Liminaridade e exclusão: os catadores de materiais recicláveis e suas relações com a sociedade brasileira*. Belo Horizonte. Dissertação [Mestrado] – Universidade Federal de Minas Gerais; 2012.

29 Lessa C. Os ovos da serpente (Prefácio). In: Bursztyn M et al. (Org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond; 2000.

30 Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. *Mulheres são maioria entre Catadores de Materiais Recicláveis*. [acesso 10 de Ago 2016]. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>.

31 CEMPRE – Compromisso Empresarial Para a Reciclagem. *Review 2013*. São Paulo: Cempre; 2013.

32 MNCR. *Cartilha de formação*. MNCR (Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis), Setor de Comunicação MNCR. São Paulo; julho 2005.

33 BRASIL. Classificação Brasileira de Ocupações – CBO. Brasília: Esplanada dos Ministérios, 2002. [acesso 23 set 2017] Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbosite>.

34 BRASIL. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Diário Oficial da União, 3 Ago 2010.

35 BRASIL. Decreto nº 7.405. de 23 de dezembro de 2010. Institui o Programa Pró-Catador, denomina Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis o Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo criado pelo Decreto de 11 de setembro de 2003, dispõe sobre sua organização e funcionamento e dá outras providências. Diário Oficial da União, 23 Dez 2010.

36 Medeiros LFR de et al. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?. Psicologia & Sociedade. [S.l.]: 2006; 18(2) p. 62-71.

37 Magera M. Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade. Campinas (SP): Átomo; 2003.

38 Instituto de Pesquisa Tecnológica – IPT. Cooperativa de catadores de materiais recicláveis: guia para implantação. São Paulo: SEBRAE; 2003.

39 Miura PCO. Tornar-se catador: uma análise psicossocial. São Paulo. Dissertação de mestrado não publicada, [Mestrado em Psicologia Social] orientadora Dra. Bader Sawaia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2004.

40 Costa CM, Pato CML. A Constituição de catadores de material reciclável: a identidade estigmatizada pela exclusão e a construção da emancipação como forma de transcendência. IN: Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional. (Org.)Pereira BCJ, Goes FL. Rio de Janeiro: Ipea; 2016.

41 Barros VA, Sales MM & Nogueira MLM. Exclusão, favela e vergonha: uma interrogação ao trabalho. Em Goulart ÍB. (Org.). Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2002.

42 ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. Resíduos Sólidos – Classificação: ABNT NBR 10004. Rio de Janeiro; 2004. [acesso em 6 Set 2017] Disponível em: <http://www.v3.eco.br/docs/NBR-n-10004-2004.pdf>.

43 Barros VA, Pinto JBM. Reciclagem, trabalho e cidadania. In Kemp VH & Crivellari HMT. (Orgs.), *Catadores da Cena Urbana, construção de políticas socioambientais*. Belo Horizonte. Autêntica: 2008; p. 65-82.

44 Calderoni S. *Os bilhões perdidos no lixo*. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH-USP; 1998.

45 Antunes R. O trabalho, sua nova morfologia e a era da precarização estrutural. [S.l.]: Theomai, n.19; 2009.

46 Gorbán D. *“Reflexiones alrededor de los procesos de cambio social en Argentina: el caso de los cartoneros”*. Revista Electrónica de Estudios Latinoamericanos, 2 (8): 3-15, Buenos Aires (AR), Jul-Set, 2004 [acesso em 15 Ago 2017]; Disponível em: <http://www.catedras.fsoc.uba.arg>.

47 Deleuze G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34; 1992.

48 Mehry E. Em busca do tempo perdido: A micropolítica do trabalho vivo em ato, em saúde. In: Franco T; Mehry E. *Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde*. São Paulo: Hucitec; 2013.p. 33.

49 IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Diagnóstico sobre os catadores de resíduos sólidos*. Brasília: Ipea; 2011.

50 Viana N. Catadores de lixo: renda familiar, consumo e trabalho precoce. *Revista Estudos da Universidade Católica de Goiás*. 2000; 27(3): 407-691.

51 Guerin I. *Mulheres e a economia solidária (As)*. [S.l.]: Edições Loyola; 2005.

52 Hirata H, Kergoat D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*. 2007; 37(132): 595-609. [Acesso em 27 jun. 2017]. Disponível em: <goo.gl/yRh0WR>.

53 Martins CHB. *Catadoras/recicladoras na Região Metropolitana de Porto Alegre: organização do trabalho e identidade ocupacional*. Porto Alegre: Mulher e Trabalho;2011 (v. 5).

54 Oliveira AL de et al. *O processo de empoderamento de mulheres trabalhadoras em empreendimentos de economia solidária*. 2004.

55 Collins CH & Kenedy D. *The microbiological hazards of municipal and clinical wastes*. Journal of Applied Bacteriology 1992; 73:1-6.

56 Anjos LA, Barros AA, Ferreira JA, Oliveira TCE, Severino KC, Silva MO & Waissmann W. Gasto Energético e Carga Fisiológica de Trabalho em Coletores de Lixo Domiciliar no Rio de Janeiro: Um Estudo Piloto. Relatório de Pesquisa. Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; 1995.

57 An H, Englehardt J, Fleming L & Bean J. *Occupational health and safety amongst municipal solid waste workers in Florida*. Waste Management & Research 1999; 17:369-377.

58 Ferreira JA, Dos Anjos LA. Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais Public and occupational health issues related to municipal solid waste management. Cad. Saúde Pública [S.I.]: 2001; 17(3): 689-696.

59 Cavalcante S, Amorim F, Flavio M. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. Revista mal-estar e subjetividade(Fortaleza). 2007; 7(1).

60 Galon T. Do lixo à mercadoria, do trabalho ao desgaste: estudo do processo de trabalho e suas implicações na saúde de trabalhadores de materiais recicláveis. Ribeirão Preto (SP), Tese [Doutorado] - Universidade de São Paulo - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto; 2015.

61 Ministério da Saúde (Brasil). Portaria nº 1.944, de 27 de agosto de 2009. Institui no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. Diário Oficial da União 28 ago 2009; Seção 1.

62 Figueiredo W. Assistência à saúde dos homens: um desafio para a atenção primária. Cien. Saúde Colet. [S.I.]:2005; 10(1):105-109.

63 Franco TB, Merhy EE. A produção imaginária da demanda e o processo de trabalho em saúde. In: Pinheiro R, Mattos RA, (Org). Construção social da demanda: direito à saúde, trabalho em equipe, participação e espaços públicos. Rio de Janeiro: Abrasco; 2005. p. 181-193.

64 Ministério da Saúde (Brasil). Portaria nº 2.488/GM/MS, de 21 de outubro de 2011. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família

(ESF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Diário Oficial da União. 21 out 2011; Seção 1-24.

65 BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

66 Migueles CP. Significado do lixo e ação econômica - a semântica do lixo e o trabalho dos catadores do Rio de Janeiro. Em Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Administração - ENANPAD, Curitiba (PR); 2004.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos este estudo, concordando com Kastrup, Passos e Escóssia (2015) quando afirmam que pesquisar é uma forma de cuidado quando se entende que a prática da investigação não pode ser determinada só pelo interesse do pesquisador, devendo considerar também o protagonismo do objeto pesquisado. A investigação é, portanto, o cultivo de um território existencial no qual o pesquisador e o pesquisado se encontram, compartilham e aprendem juntos e muitos aprendizados aconteceram neste percurso.

A oportunidade de desenvolver este estudo nos permitiu aproximação com os modos de ser, sentir e viver dos (as) catadores (as) inseridos informalmente na cadeia produtiva da reciclagem por meio do associativismo, uma linha de fuga na engrenagem perversa do modelo de desenvolvimento capitalista, uma alternativa para estes sujeitos que, ao se fortalecerem enquanto grupo, aumentam as possibilidades de reconhecimento na luta pela sobrevivência diante da invisibilidade, da exclusão e da injustiça social a que são submetidos. O convívio com Maria e o coletivo de catadores (as) muito nos ensinou sobre a resignificação do trabalho, a luta pela dignidade e a importância da construção de redes vivas para o fortalecimento do movimento e dos próprios processos de trabalho e vida.

A organização política destes (as) trabalhadores (as) se apresenta como alternativa relevante para melhores condições e relações de trabalho por contribuir com a autoimagem, com a construção da identidade, obtenção de renda e nos despertou para a relevância da construção de redes como estratégia de produção de vida.

Analisar as redes vivas da associação nos mostrou a fragilidade das conexões deste grupo social com a saúde e como o exercício cartográfico pode ser uma estratégia potente para estabelecer redes e efetivar o cuidado. Redes que permitam a compreensão dos modos de vida, existência, necessidades e que direcionem o olhar para pessoas ou grupos sociais que encontram-se invisibilizados pelas políticas públicas.

Talvez, um caminho para as políticas de saúde seja potencializar a produção do cuidado pensando nas várias redes vivas que existem nos territórios, multiplicando exercícios cartográficos para diferentes espaços, considerando a

quantidade múltipla de produção de sentidos e de significados que os compõem. Assim, o desafio das políticas de saúde é olhar para seus territórios, cartografá-los e, a partir deste mapeamento, encontrar potência nos grupos e atores destas redes, conectando-se aos fluxos destas redes para produzir cuidado, saúde e vida.

6. REFERÊNCIAS

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Resíduos Sólidos – Classificação: ABNT NBR 10004**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.v3.eco.br/docs/NBR-n-10004-2004.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2017.

ALMEIDA, L.P. de et al. **Levantamento soroepidemiológico de leptospirose em trabalhadores do serviço de saneamento ambiental em localidade urbana da região Sul do Brasil**. Rev. Saúde Pública, 28:76-81,1994.

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 131-149.

AN, H.; ENGLEHARDT, J.; FLEMING, L. & BEAN, J. **Occupational health and safety amongst municipal solid waste workers in Florida**. Waste Management & Research, 1999, 17:369-377.

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149

ANJOS, L. A.; BARROS, A. A.; FERREIRA, J. A.; OLIVEIRA, T. C. E.; SEVERINO, K. C.; SILVA, M. O. & WAISSMANN, W. **Gasto Energético e Carga Fisiológica de Trabalho em Coletores de Lixo Domiciliar no Rio de Janeiro: Um Estudo Piloto**. Relatório de Pesquisa. Rio de Janeiro: Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 1995.

ANTUNES, Ricardo. **O trabalho, sua nova morfologia e a era da precarização estrutural**. Theomai, n. 19, 2009.

AQUINO, Israel; CASTILLO JR, Amando; Pires, Thyrza. **A organização em rede dos catadores de materiais recicláveis na cadeia produtiva reversa pós-consumo da região da grande Florianópolis: uma alternativa de agregação de valor**. Gest. Prod., São Carlos, v. 16. N.1, p. 15-24, jan-mar, 2009.

ARANTES, Bruno; BORGES, Lívia. **Catadores de materiais recicláveis: cadeia produtiva e precariedade**. Arq. Bras. Psicol., Rio de Janeiro, vol.65, n.3, 2013.

ARANTES, Bruno Otávio. **Condições de trabalho e saúde psíquica dos catadores de materiais recicláveis de uma cooperativa de segundo grau da região metropolitana de Belo Horizonte**. (Belo Horizonte): UFMG, 2015. Tese (doutorado), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

BARROS, V.A.; SALES M.M. & NOGUEIRA, M.L.M. **Exclusão, favela e vergonha: uma interrogação ao trabalho.** Em Goulart, Í.B. (Org.). *Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BARROS, V. A.; PINTO, J. B. M. Reciclagem, trabalho e cidadania. In V. H. Kemp & H. M. T. Crivellari (Orgs.), **Catadores da Cena Urbana, construção de políticas socioambientais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, pp, 65-82

BARROS, L.P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

BAUMAN. Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt**; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERTUSSI et al. **Viagem cartográfica: pelos trilhos e desvios**. IN: Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: Surpreendendo o instituído nas redes / organização Laura Camargo Macruz Feuerwerker, Débora Cristina Bertussi, Emerson Elias Merhy. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Hexis, 2016.

BOSI, Antônio de Pádua. **A Organização Capitalista do Trabalho Informal: o caso dos catadores de recicláveis**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 23, n. 67, junho/2008.

BRASIL. **Classificação Brasileira de Ocupações – CBO**. Brasília: Esplanada dos Ministérios, 2002. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite>>.

BRASIL. Lei Federal nº 11.405, de 5 de janeiro de 2007. Estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico, altera as Leis nºs 6.766, de 19 de dezembro de 1979, 8.036, de 11 de maio de 1990, 8.666, de 21 de junho de 1993, 8.987, de 13 de fevereiro de 1995; revoga a Lei nº 6.528, de 11 de maio de 1978; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 jan. 2007.

_____. Ministério da Saúde. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

_____. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 3 ago. 2010.

_____. Decreto nº 7.405. de 23 de dezembro de 2010. Institui o Programa Pró-Catador, denomina Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis o Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo criado pelo Decreto de 11 de setembro de 2003, dispõe sobre sua organização e funcionamento e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 23 dez. 2010.

_____. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.488/GM, de 21 de outubro de 2011. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família

(ESF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). **Diário Oficial da União**. Seção 1,24 out 2011, p. 48-55.

CALDERONI, Sabetai. **Os bilhões perdidos no lixo**. São Paulo: Humanitas Publicações/ FFLCH-USP, 1998.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005, p. 566.

CAVALCANTE, Sylvia; AMORIM FRANCO, Márcio Flavio. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 7, n. 1, 2007.

CEMPRE – COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA A RECICLAGEM. **Review 2013**. São Paulo: Cempre, 2013.

COELHO, Alexa; BECK, Carmem; FERNANDES, Marcelo; PRESTES, Francine; SIVA, Rosângela. Risco de adoecimento relacionado ao trabalho e estratégias defensivas de mulheres catadoras de materiais recicláveis. **Esc. Anna Nery** vol.20 no.3 Rio de Janeiro: Epub June 14, 2016.

COLLINS, C. H. & KENEDY, D. The microbiological hazards of municipal and clinical wastes. **Journal of Applied Bacteriology**, 1992,73:1-6.

COSTA, Cláudia Moraes; PATO, Cláudia Márcia Lyra. **A Constituição de catadores de material reciclável: a identidade estigmatizada pela exclusão e a construção da emancipação como forma de transcendência**. IN: Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional / organização Bruna Cristina Jaquetto Pereira, Fernanda Lira Goes – Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G. e GUATARRI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p.21.

FARIAS JUNIOR, Emmanuel de Almeida. **Cartografia social e conhecimentos tradicionais associados às reivindicações de territorialidades específicas no baixo rio Negro: os quilombolas do Tambom**. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de et al (Orgs). Cadernos de debates Nova Cartografia Social: Conhecimentos tradicionais na Pan-Amazônia. Manaus: UEA, 2010.

FERREIRA, João Alberto; DOS ANJOS, Luiz Antonio. Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais Public and occupational health issues related to municipal solid waste management. **Cad. Saúde Pública**, v. 17, n. 3, p. 689-696, 2001.

FEUERWERKER LCM. **Micropolítica e saúde: produção do cuidado, gestão e formação**. Porto Alegre: Rede Unida, 2014.

FIGUEIREDO, W. Assistência à saúde dos homens: um desafio para a atenção primária. **Ciência e Saúde Coletiva** 2005; 10(1):105-109.

FRANCO, TB; MERHY EE. **A produção imaginária da demanda e o processo de trabalho em saúde**. In: Pinheiro R., Mattos RA, organizadores. Construção social da demanda: direito à saúde, trabalho em equipe, participação e espaços públicos. Rio de Janeiro: ABRASCO; 2005. p. 181-193.

FRANCO, T.B.; in Pinheiro, R. & Matos, R.A. "**Gestão Em Redes**", LAPPIS-IMS/UERJ-ABRASCO, Rio de Janeiro, 2006.

FRANCO, Túlio Batista; MERHY, Emerson. **Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013. p.14.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GALON, Tanyse. **Do lixo à mercadoria, do trabalho ao desgaste**: estudo do processo de trabalho e suas implicações na saúde de trabalhadores de materiais recicláveis. 2015, 225p. Tese de Doutorado, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2015.

GOUVEIA, Nelson. Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17 n.6, p. 1503-1510, 2012.

GUERIN, Isabelle. **Mulheres e a economia solidária (As)**. Edições Loyola, 2005.

GORBÁN, Débora. "**Reflexiones alrededor de los procesos de cambio social en Argentina: el caso de los cartoneros**". Revista Electrónica de Estudios Latinoamericanos, 2 (8): 3-15, Buenos Aires, jul./set., 2004. Disponível no site <http://www.catedras.fsoc.uba.org/> Acesso em: 15 ago. 2017.

HAESBAERT, Rogério. **Território, cultura e des-territorialização**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Religião, Identidade e Território. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 119-120.

_____. **Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007. Disponível em: <goo.gl/yRh0WR>. Acesso em: 27 jun. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA TECNOLÓGICA – IPT. **Cooperativa de catadores de materiais recicláveis: guia para implantação**. São Paulo: SEBRAE, 2003.

INSTITUTO NENUCA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - INSEA **Reciclando oportunidades 2011-2015**. Belo Horizonte: Insea, 2014.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Diagnóstico sobre os catadores de resíduos sólidos**. Brasília: Ipea, 2011.

JACOBI, Pedro; BESEN, Gina. **Gestão de resíduos sólidos em São Paulo: desafios da sustentabilidade**. [S.l]: [S.ed.], 2011.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicol. Soc.**, v. 19, n.1, p.15-22, Jan./Abr. 2007.

KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 60-149.

LAZZARI, Michelly; REIS, Cássia. Os coletores de lixo urbano no município de Dourados (MS) e sua percepção sobre os riscos biológicos em seu processo de trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.16, n.8 p. 3437-3442, 2011.

LEAL, Antonio Cezar et al. A reinserção do lixo na sociedade do capital: uma contribuição ao entendimento do trabalho na catação e na reciclagem. **Terra Livre**, v. 2, n. 19, 2015.

LESSA, CARLOS. Os ovos da serpente (Prefácio). In: BURSZTYN, Marcel et al. (Org.). **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

MAGALHÃES, Beatriz J. **Liminaridade e exclusão: os catadores de materiais recicláveis e suas relações com a sociedade brasileira**. 2012. Dissertação, Mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2012.

MAGERA, M. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade**. Campinas, SP: Átomo, 2003.

MANCE, Euclides. **A revolução das redes: A colaboração solidária como alternativa pós-capitalista à globalização atual**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 24

MARTINS, Clitia Helena Backx. *Catadoras/recicladoras na Região Metropolitana de Porto Alegre: organização do trabalho e identidade ocupacional*. **Mulher e Trabalho**, v. 5, 2011.

MEDEIROS, Luiza Ferreira Rezende de et al. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 62-71, 2006.

MERHY, E. E. “O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio em reconhecê-lo como saber válido”. In: FRANCO, T. B. e outros. **Acolher Chapecó**. São Paulo: Hucitec, 2004.

MEHRY, Emerson. **Em busca do tempo perdido: A micropolítica do trabalho vivo em ato, em saúde.** In: FRANCO, Túlio; MEHRY, Emerson. Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013, p. 33.

MERHY, Emerson. et al., Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. **Divulgação em saúde para o debate.** Rio de Janeiro, n. 52. p. 153-164, Out 2014.

MERHY et al. **Da repetição a diferença: construindo sentidos com o outro no mundo do cuidado** IN: Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: Surpreendendo o instituído nas redes / organização Laura Camargo Macruz Feuerwerker, Débora Cristina Bertussi, Emerson Elias Merhy. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Hexis, 2016.

MIGUELES, C. P. Significado do lixo e ação econômica – a semântica do lixo e o trabalho dos catadores do Rio de Janeiro. Em **Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Administração – ENANPAD,** Curitiba, PR, 2004.

MINAYO, Maria. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social.** In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.09-29.

MINAYO, Maria. C. S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2014.

MIURA, P. C. O. **Tornar-se catador: uma análise psicossocial.** Dissertação de mestrado não publicada, Mestrado em Psicologia Social, orientadora Dra. Bader Sawaia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP, 2004.

MNCR. **Cartilha de formação.** São Paulo: MNCR (Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis), Setor de Comunicação MNCR, julho 2005.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS. Mulheres são maioria entre Catadores de Materiais Recicláveis. Disponível em: <<http://www.mnrc.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>>. Acesso em: 10 de ago. 2016.

MOVIMENTO NACIONAL DA POPULAÇÃO DE RUA. Princípios. Disponível em <<http://www.falarua.org>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

OLIVEIRA, Adriana Lucinda de et al. **O processo de empoderamento de mulheres trabalhadoras em empreendimentos de economia solidária.** 2004.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção.** In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015, p.27.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas: Unicamp, 1988.

PEREIRA, Maria Cecília; TEIXEIRA, Marco Antonio. A inclusão de catadores em programas de coleta seletiva: da agenda local à nacional. **Cad. EBAPE. BR**, Rio de Janeiro, v. 9, nº 3, artigo 10, Set 2011.

PORTO, Marcelo; JUNCÁ, Denise; GONÇALVES, Raquel; FILHOTE, Maria Izabel. Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20 n.6, p.1503-1514, nov-dez, 2004.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006.

SANT'ANA, D; METELLO, D. Reciclagem e Inclusão Social no Brasil: Balanço e Desafios. **Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional - Rio de Janeiro**: Ipea, 2016.

SANTOS, Gemelle; SILVA, Luiz Fernando. Estreitando nós entre o lixo e a saúde – estudo de caso de garis e catadores da cidade de Fortaleza, Ceará. **REDE - Revista Eletrônica do Prodem**, Fortaleza, v. 3, n.1, p. 83-102, jun. 2009.

SCHMITT, J. C. A história dos marginais. In J. Le Goff. **A história nova** (pp. 261-290). São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SCKWEICKARDT, Júlio Cesar [et al.] Território na Atenção Básica: abordagem da Amazônia equidistante. IN: **In-formes da Atenção Básica**: aprendizados de intensidade por círculos em rede, Vol. 2/ Ricardo Burg Ceccim... [et al.] organizadores. – Porto Alegre: Rede Unida, 2016.

SEVERI, Fabiana. Os catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis na Política Nacional de Resíduos Sólidos. **Revista Direito e Práxis**, Vol. 5, n. 8, pp. 152---171, 2014.

SILVA, Fabiane; RIBEIRO, Paula. O governo dos corpos femininos entre as catadoras de lixo: (re)pensando algumas implicações da Educação em Saúde. **Rev. Estud. Fem.** v.16 n. 2 Florianópolis Mai/Ago. 2008.

SILVA, Nilza; LEÃO, Alcides; ESPERANCINI, Maura. Perfil da renda e do volume dos resíduos sólidos urbanos da associação de catadores de São Manuel-SP. **Energ. Agric., Botucatu**, vol. 28, n.1, p.40-46, janeiro-março, 2013.

SIQUEIRA, Mônica; MORAES, Maria Silvia. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, n.6, Dec. 2009.

STOLZ, Pablo. **A compreensão dos separadores de resíduos sólidos em relação ao seu trabalho, saúde e ambiente**. (Rio Grande): FURG, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental), Universidade Federal do Rio Grande, 2008.

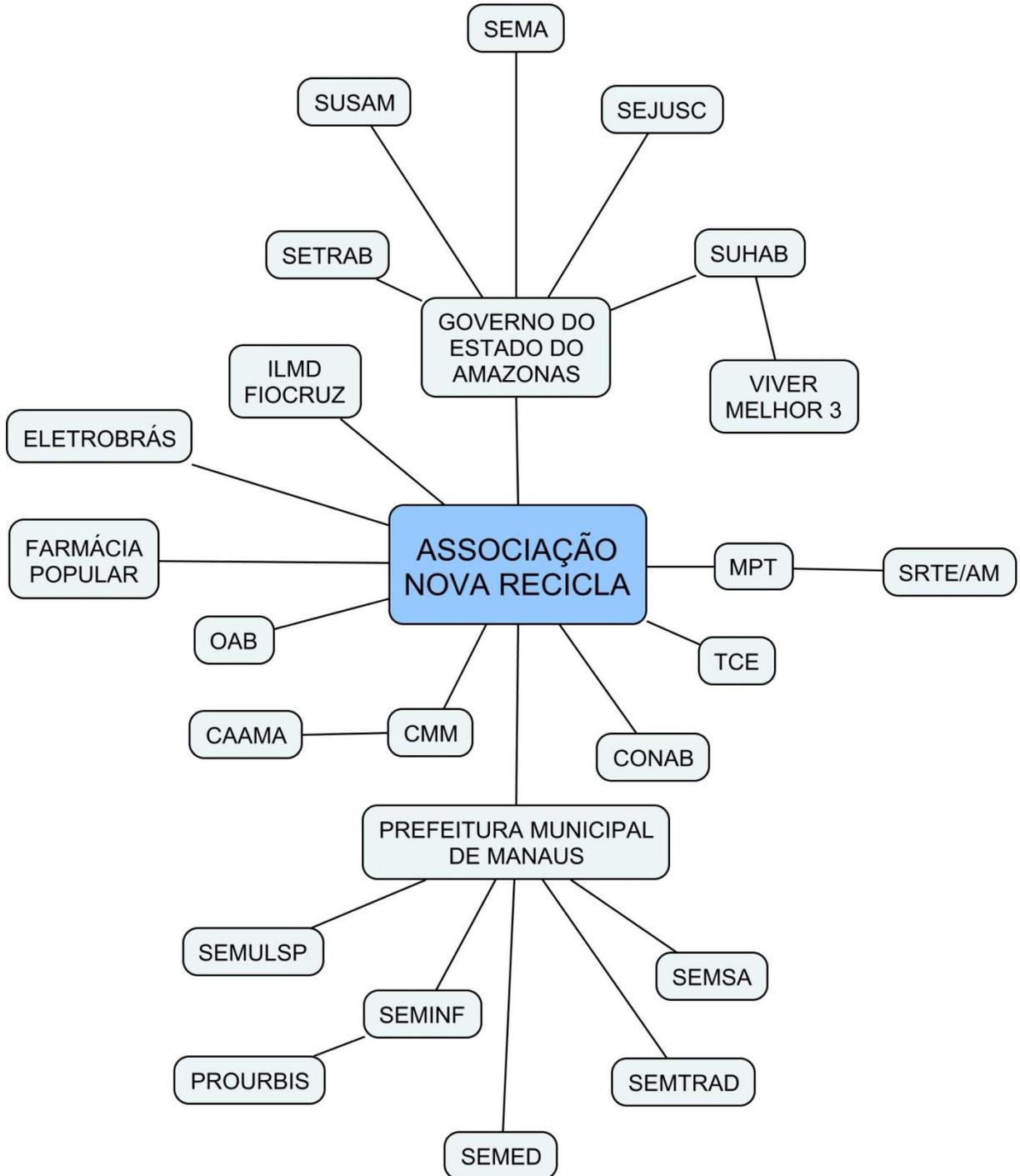
VELLOSO, MP; SANTOS, EM; ANJOS, LA. Processo de trabalho e acidentes de trabalho em coletores de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro. Brasil. **Cad Saúde Pública**,v. 13, p. 693-700, 1997.

VIANA, N. Catadores de lixo: renda familiar, consumo e trabalho precoce. **Revista Estudos da Universidade Católica de Goiás**. v. 27, n.3, p. 407-691, 2000.

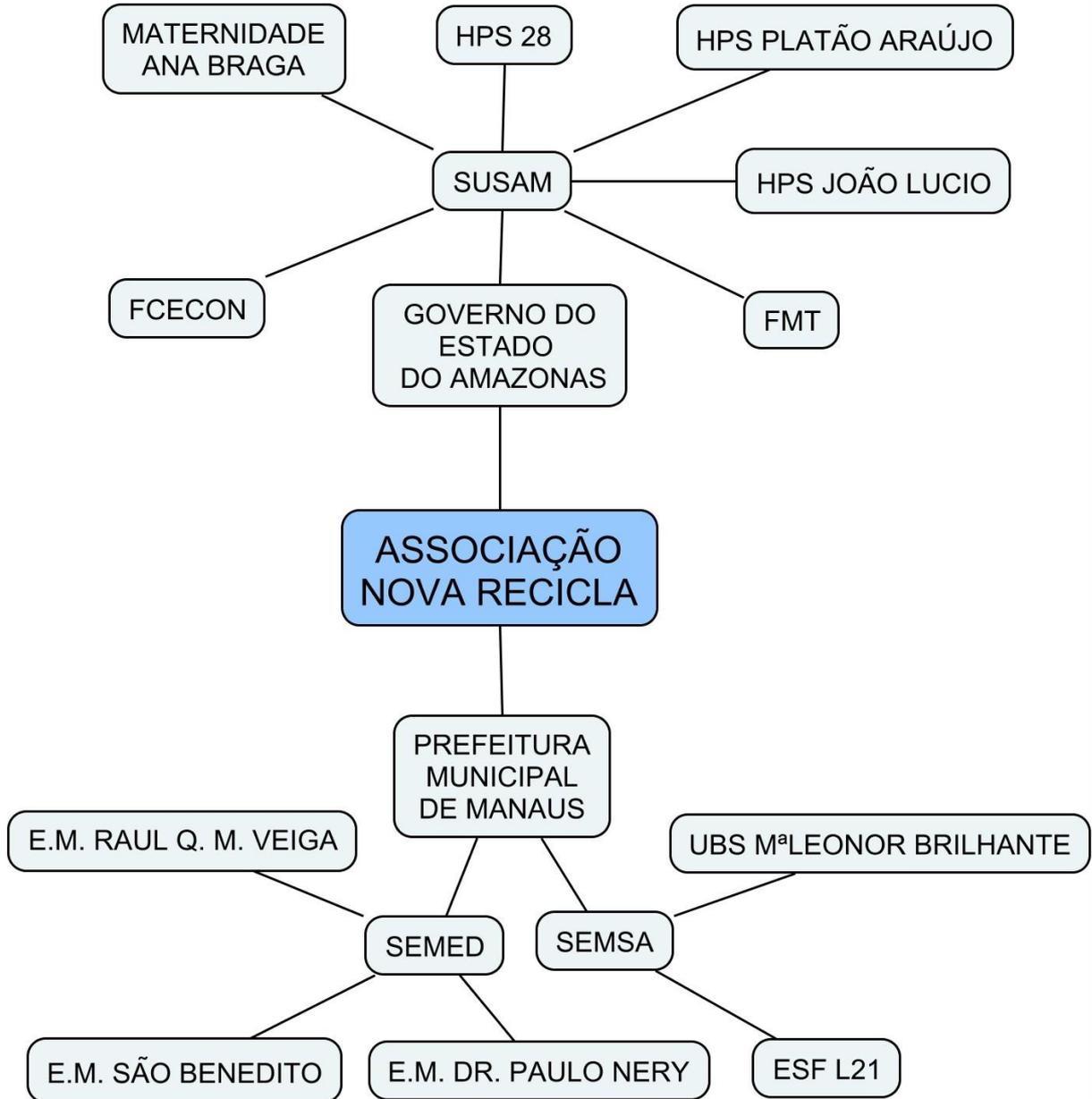
7. ANEXOS

REDES DA ASSOCIAÇÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS NOVA RECICLA.

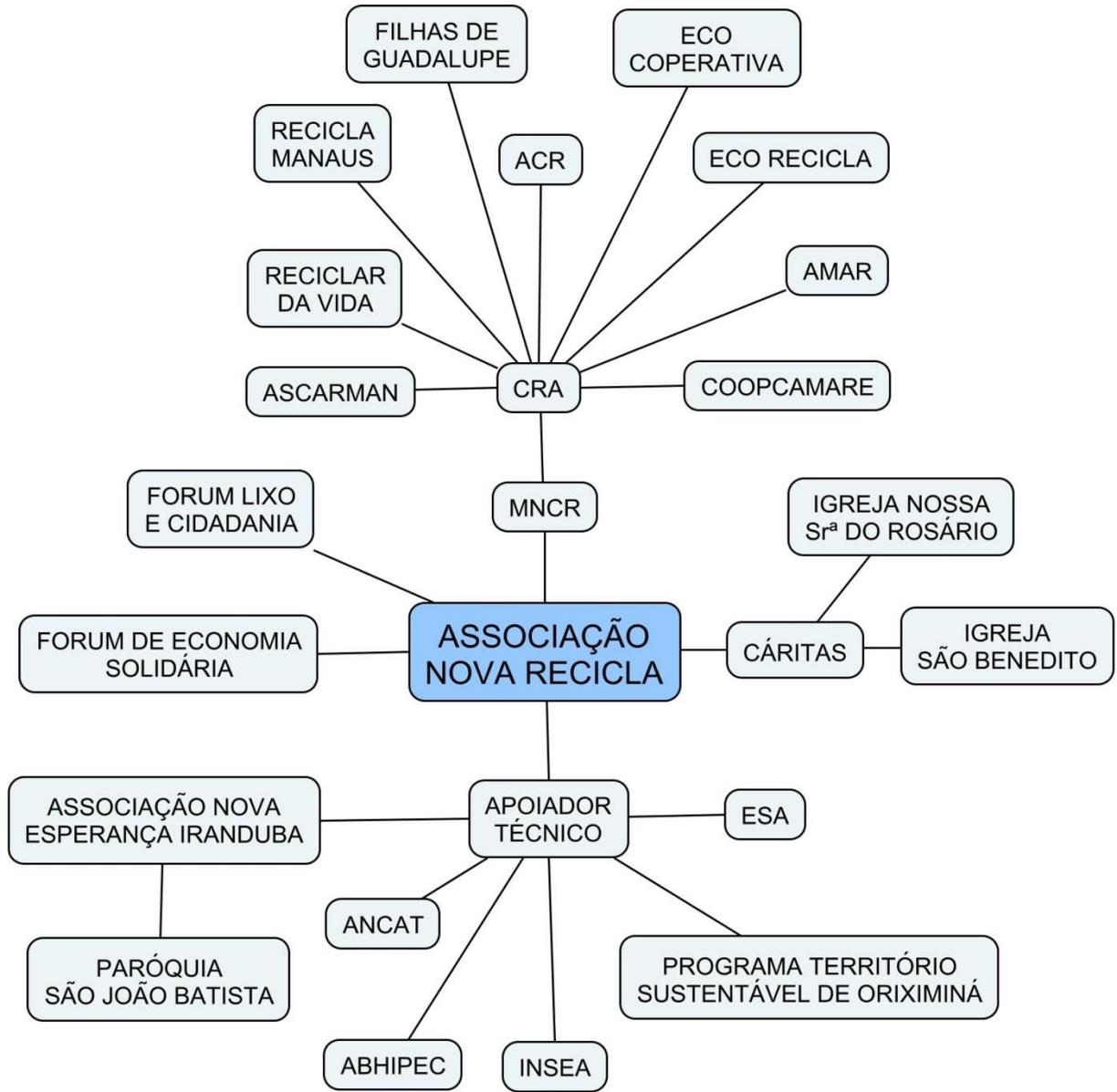
ANEXO A- REDE INSTITUCIONAL1



ANEXO B – REDE INSTITUCIONAL2

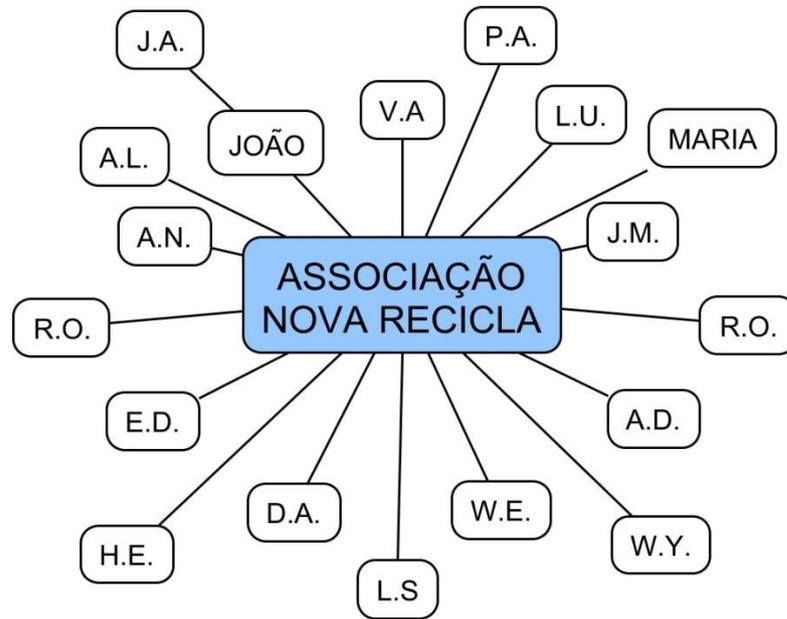


ANEXO C - REDE DO MNCR



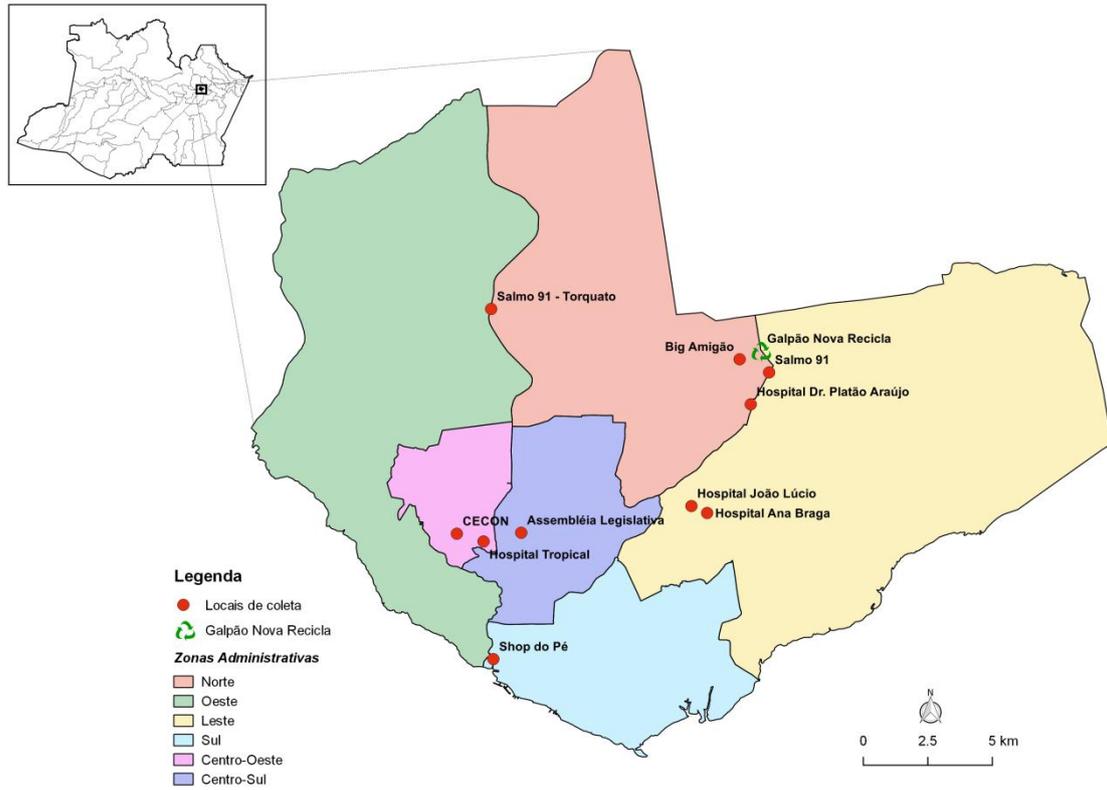
ANEXO D - REDE COMERCIAL



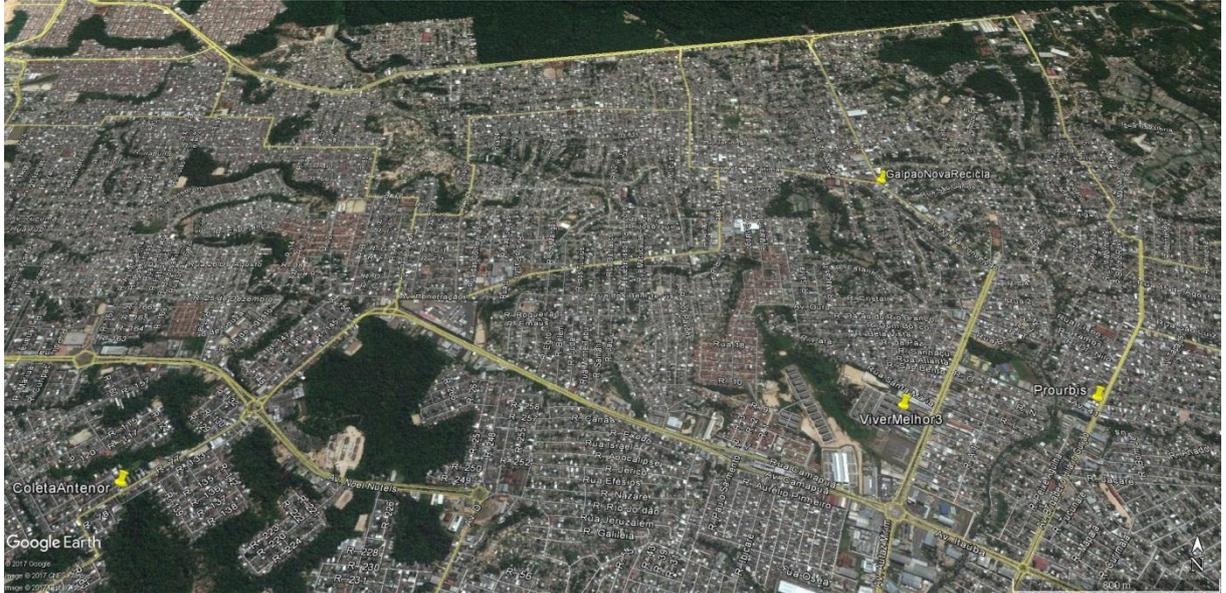
ANEXO E- REDE DE CATADORES

TRAJETOS DOS CATADORES

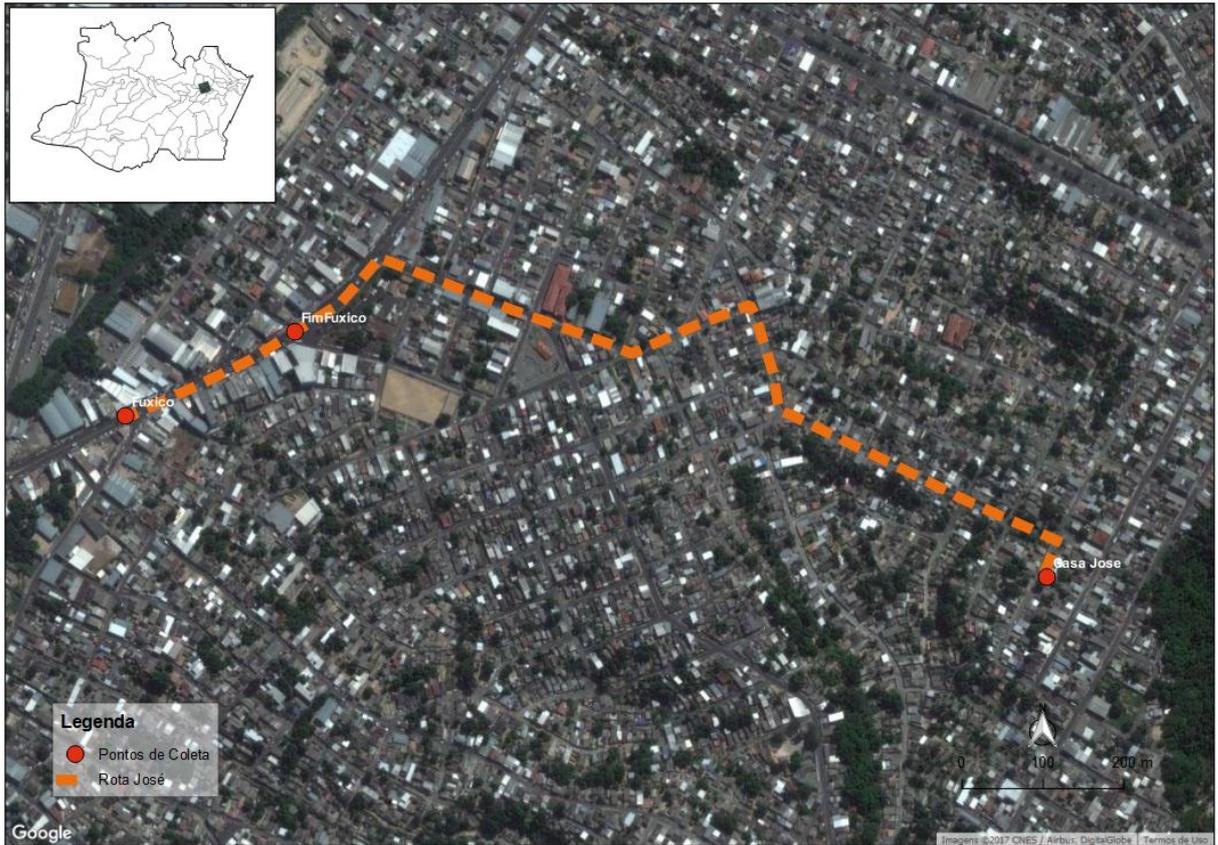
ANEXO F - Rota da Kombi



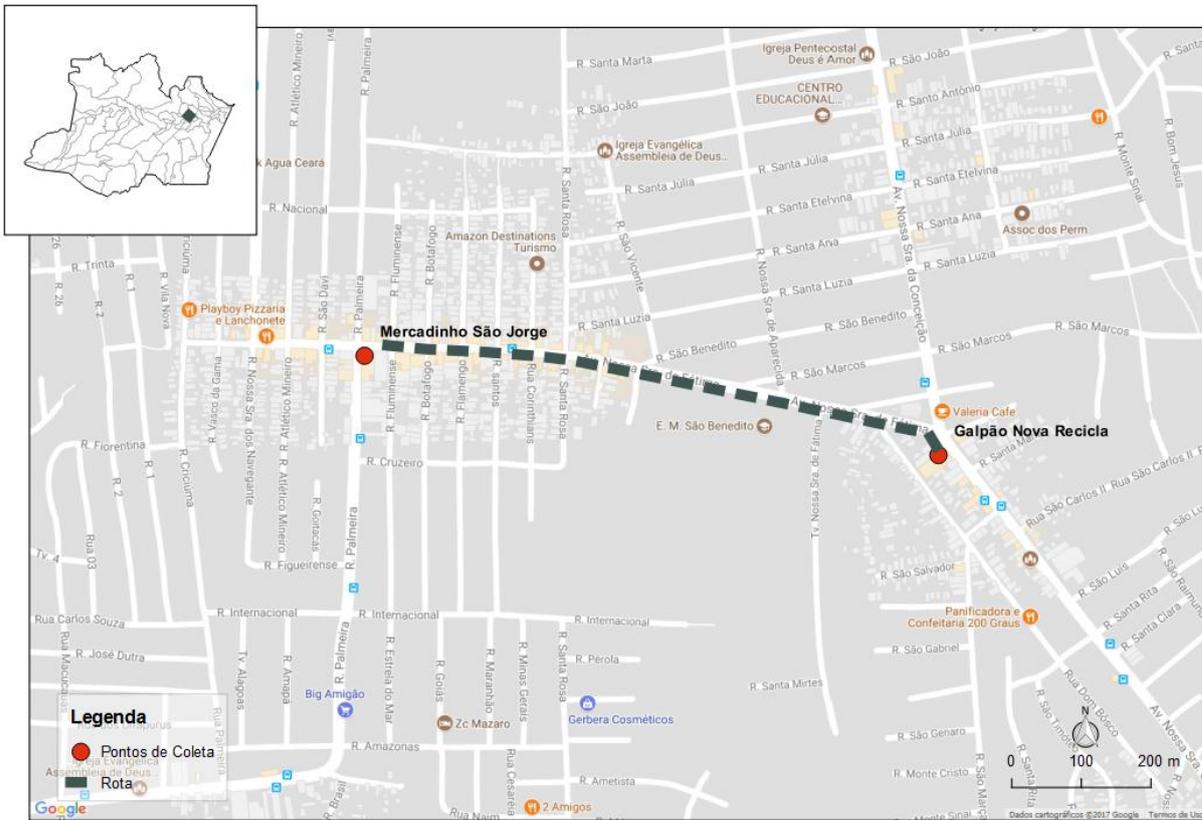
ANEXO G - Rota do Triciclo



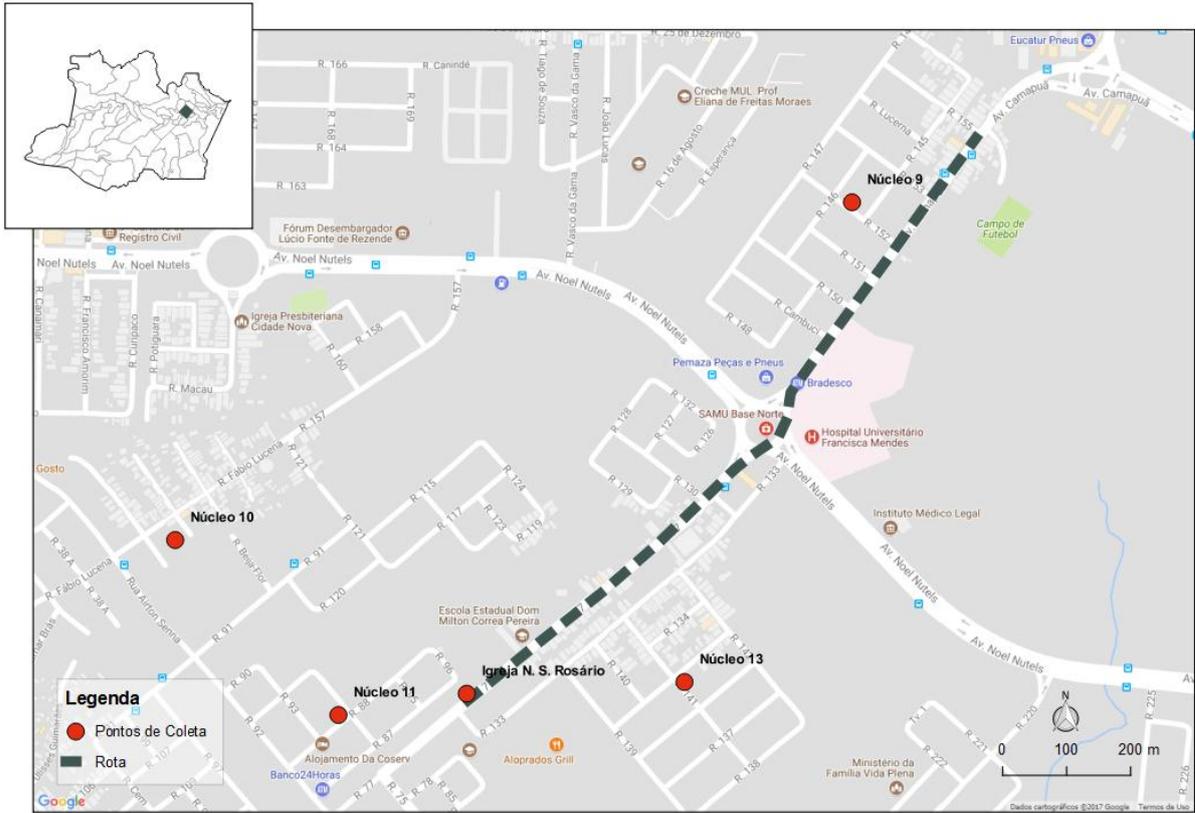
ANEXO H - Trajeto de J.O



ANEXO I - Trajeto R.O.



ANEXO J - Trajeto de A.N



ANEXO K - Trajeto de P.A

